



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Orientador: Prof. Dr. ORIVALDO PIMENTEL LOPES JÚNIOR

**OS BATISTAS REGULARES E AS ARMADILHAS HISTÓRICAS DO
ILUMINISMO**

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**NATAL
DEZEMBRO/2005**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Orientador: Prof^o. Dr. ORIVALDO PIMENTEL LOPES JÚNIOR**

**OS BATISTAS REGULARES E AS ARMADILHAS HISTÓRICAS DO
ILUMINISMO**

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**Dissertação de Mestrado apresentada ao
programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais, da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Ciências
Sociais, sob a orientação do professor Dr.
Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.**

**NATAL
DEZEMBRO/2005**

**PARA:
JESUS CRISTO**

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**OS BATISTAS REGULARES E AS ARMADILHAS HISTÓRICAS DO
ILUMINISMO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência parcial para obtenção do título de mestre do curso em Ciências Sociais.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof^o. Dr. José Willington Germano (Membro)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof^o. Dr. Lemuel Dourado Guerra (Membro)
Universidade Federal da Paraíba – UFCG

Prof^o. Dr. José Antônio Spinelli Lindoso (Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, gostaria de agradecer a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para sua realização. Em primeiro lugar agradeço ao Triúno Deus, Salvador e Senhor de minha vida. Agradeço a minha esposa Cláudia e minhas filhas, Brena e Raquel, que são especiais na minha vida. A meu orientador, Prof^o. Dr Orivaldo P. L. Júnior, por ensinar-me a pensar e fazer ciência de modo mais acurado. Aos Batistas Regulares do Rio Grande do Norte porque sempre disponibilizaram todo material e informações para a construção deste trabalho. A Igreja Batista Regular do Candelária pelo apoio e confiança a mim dispensados. Aos meus colegas que dividiram comigo as inquietações da Pós-Graduação. Ao Grupo de Estudos da Religião: “*Espiritualidade, Saber e Arte*” e ao GRECOM (Grupo de Estudos da Complexidade) pela grande contribuição dos textos discutidos. Ao secretário da Pós-Graduação Edmilson de Jesus que de modo eficiente e amoroso sempre nos atendeu. Aos coordenadores João Emanuel e Edmilson Lopes pela colaboração na conclusão deste trabalho.

RESUMO

Tomando como campo de pesquisa as Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte, o trabalho procura contribuir para uma nova visão mais acurada do novo quadro da religiosidade protestante brasileira. Instaladas desde 1938, as Igrejas Batistas Regulares têm representado e produzido seu discurso através de suas 58 igrejas espalhadas pelo estado, além de contar com uma Escola Teológica, dois Acampamentos, uma Associação (AIBRERN) e uma Casa de Assistência Espiritual aos Dependentes de Drogas (CAEDD). Uma reflexão sobre o substrato simbólico da espiritualidade do grupo acompanha a descrição externa de sua presença no RN. Entendemos que os Batistas Regulares representam mais uma tradução de um discurso religioso da modernidade e que seu enfoque é a herança de um fundamentalismo cristão pautado pelo racionalismo iluminista. Assim, observamos esse agrupamento procurando encontrar em suas doutrinas, práticas e regras de condutas, uma demonstração de que o espírito da pós-modernidade desafia o grupo a uma nova dinâmica no modelo conservador de sua espiritualidade.

Palavras-Chave: Modernidade; Fundamentalismo; Doutrina e Batistas.

ABSTRACT

Taking the Regular Baptist Churches of Rio Grande do Norte as the research field, this paper seeks to contribute to a new, more appropriate vision of the new picture of the religiosity of the Brazilian Protestantism. Established since 1938, the Regular Baptists Churches have been representing and producing their speech through their 58 churches spread throughout the state, besides a Theological School, two camps, an association (AIBRERN) and a House of Spiritual Assistance to Drug Dependents (CAEDD). A reflection of the symbolic substratum of the spirituality of the group agrees with the external description of its presence in RN. We understand that the Regular Baptists represent yet one more translation of a modern religious speech and that their focus is on the inheritance of a Christian fundamentalism based on the illuminist rationalism. In this way, we observed this group trying to find in its doctrines, practices and rules of conduct a demonstration that the spirit of the post-modernism challenges the group to new dynamics in the conservative model of its spirituality.

Key words: Modernism, Fundamentalism, Doctrine and Baptist.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Metodologia e Pesquisa de Campo.....02

1 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS BATISTAS REGULARES

1.1 Os Batistas na Inglaterra.....07

1.2 Os Batistas nos Estados Unidos.....11

1.3 Os Batistas no Rio Grande do Norte.....15

2 FUNDAMENTALISMO E OS BATISTAS REGULARES

2.1 Origem do Fundamentalismo.....34

2.2 Fundamentalismo e o Evangelicalismo.....41

2.3 Fundamentalismo e o Engajamento Político.....44

2.4 A Crise do Fundamentalismo.....46

3 CRISTIANISMO E MODERNIDADE NOS BATISTAS REGULARES

3.1 Cristianismo.....53

3.2 Modernidade.....57

3.3 Os Batistas Regulares e a influência do iluminismo.....62

4 TENSÕES NOS BATISTAS REGULARES

4.1 Batistas Regulares e o Núcleo Duro.....66

4.2 Batistas Regulares e a Baixa Complexidade.....69

4.3 Batistas Regulares e o Rito.....74

5 CONCLUSÃO.....76

6 REFERÊNCIAS.....80

7 APÊNDICES.....85

INTRODUÇÃO

Os formidáveis desenvolvimentos científicos e técnicos não causaram o declínio das religiões nem a morte dos mitos (MORIN).

Diante de um quadro em mudanças do mundo contemporâneo, especificamente no perfil religioso do protestantismo brasileiro, as novas expressões de espiritualidade assumem novos contornos. Com relação a esse aspecto, se faz importante entender quais foram e como ocorreram as alterações na espiritualidade das Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte em suas relações internas e externas na segunda metade do século XX.

Diante da pujança dos estudos da religião na atualidade, se faz necessário a Universidade Federal do Rio Grande do Norte embarcar nesse processo para compreender as mudanças do novo perfil religioso do protestantismo brasileiro. Os estudos da religião têm acontecido no mundo inteiro, dezenas de agências acadêmicas de estudo, associações e sociedades de pesquisadores realizam anualmente vários congressos, conferências, consultas, encontros e simpósios locais, regionais, nacionais, continentais e mundiais de estudos da religião. Só a título de ilustração, citamos as seguintes entidades: a *Association for the Sociology of Religion (ASR)*, a *Religions Research Association (RRA)*, a *Religions Research Fellowship (RRF)*, *Society for the Scientific Study of Religion (SSSR)* e *Sociological Research Association (SRA)*, além do vasto material publicado mundialmente, tais, como, *The Review of Religions Research* (desde 1959), o *Journal for the Scientific Study of Religions (JSSR)*, *Journal of the American Academy of Religions* (desde 1932). A Academy também publica o *Religious Studies News*, um jornal tablóide de 40 páginas, que tem por objetivo buscar a comunicação e eventos, anúncios, datas e lançamentos de estudos acadêmico da religião, especialmente daquelas ligadas às sociedades de estudos avançados no campo da religião.

Também temos o Instituto de Estudos da Religião, com sede no Rio de Janeiro, que publica uma série de periódicos, sendo o mais famoso *Religião e Sociedade*¹.

Ao utilizar o conceito de parcerias cognitivas poderemos através deste trabalho ter a possibilidade de conhecer junto para auto-criticar o discurso dos Batistas Regulares que pousa sob as premissas de um fundamentalismo cristão. Também este trabalho se faz importante para um futuro aprofundamento que possibilite uma reflexão mais apurada do substrato simbólico da espiritualidade dos Batistas Regulares.

Devido à ausência de trabalhos acadêmicos sobre os Batistas Regulares no Brasil, se faz importante esta pesquisa porque mostra a construção de uma compreensão parcial do quadro da religiosidade brasileira, como também esta produção de conhecimento problematizará reflexões fundamentais acerca da relação entre espiritualidade, valores humanos e compreensão de mundo neste início de século.

Essa empreitada possibilita compreender a idéia de que um fluxo missionário tardio dos Batistas Regulares no Brasil e no mundo dá-se por uma incompreensão da história desse grupo. Os Batistas Regulares eram Batistas que faziam parte da grande Convenção Batistas dos EUA, que em 1882 enviou o casal Bagby à Bahia e, por isso, davam-se por satisfeitos com o crescimento missionário dos Batistas da Convenção, da qual faziam parte no Brasil e no mundo realizado pela junta de missões de Richmond, Virginia, USA.

Somente em 1932, devido à controvérsia sobre o Liberalismo e o Fundamentalismo no seio da Convenção Batista dos EUA, os Batistas Regulares se organizaram como um grupo separado daquela convenção por optar pela posição fundamentalista. A partir de então, sentem os Batistas Regulares que deveriam (como um grupo recém-nascido) iniciar seu trabalho missionário no mundo

¹ Ver projeto de pesquisa da base de pesquisa *Religião e Sociedade: Espiritualidade, Saber e Arte*. Coordenado pelo professor Dr Orivaldo Pimentel L. Júnior da UFRN.

como um grupo Batista Conservador, em contraposição ao grupo batista já estabelecido no campo missionário.

Esta pesquisa nasceu do interesse preliminar de observar as novas formas de espiritualidade que foram e são simbolicamente representadas ao longo das últimas cinco décadas do século XX. Observamos esse agrupamento religioso através de entrevistas, questionários, análise de documentos e leituras sobre sua história. Analisamos essa tradição, que não permaneceu intocável, através de elementos metodológicos que nos possibilitou verificar as hipóteses por nós levantadas. As Igrejas Batistas Regulares, instaladas em 1944 em solo potiguar, têm representado e produzido seu discurso através de suas 58 igrejas espalhadas pelo estado, além de contar com uma escola teológica, dois acampamentos, uma escola de ensino fundamental, uma associação, um trabalho com crianças de rua e uma casa de assistência aos dependentes de drogas.

Tentaremos compreender as relações do cristianismo e a modernidade relacionando com a prática dos Batistas Regulares. Pretendemos neste trabalho defender a idéia de que apesar das novas configurações no perfil do protestantismo brasileiro, os Batistas Regulares reproduzem uma expressão religiosa típica da modernidade. Trabalhamos no primeiro capítulo sobre a trajetória histórica dos Batistas, tentando encontrar uma explicação que melhor demonstre a origem desse povo, para que o leitor possa ter o conhecimento histórico sobre o campo de análise observado. No segundo capítulo apresentamos a temática do fundamentalismo, pois os Batistas Regulares do Rio Grande do Norte se intitulam como aqueles que continuam na defesa dos fundamentos essenciais das Escrituras que foram postulados, promovidos e defendidos no início do século XX. Também mostramos nesse capítulo várias temáticas relacionadas com o fundamentalismo e seu conceito original e atual. Já no terceiro capítulo, apresentamos que os Batistas Regulares são uma expressão religiosa da Modernidade. Trabalhamos o desenvolvimento do cristianismo e o conceito de modernidade relacionando com a postura de nosso campo de análise. O quarto capítulo mostra as

tensões dos Batistas Regulares. Utilizamos dados recolhidos durante a pesquisa e fazemos uso de alguns aportes teóricos, como Edgar Morin, que faz comentários que poderão ser pertinentes para compreendermos melhor a situação das relações humanas acontecidas no âmbito desse grupo.

A proposta de análise aqui exposta tem como eixo central o pressuposto de que os Batistas Regulares como uma expressão da modernidade têm encontrado dificuldades em adaptar-se às novas configurações do quadro religioso atual, que parece ser marcado pelo espírito pós-moderno.



1 - A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS BATISTAS REGULARES²

1.1 – Os Batistas na Inglaterra

Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (II Coríntios 4:18).

Os Batistas Regulares defendem a crença de que suas raízes históricas estão fincadas nas práticas bíblicas do Novo Testamento, porém, pelo que tudo indica, ele deriva do ramo batista que apareceu no cenário religioso do cristianismo, na primeira metade do século XVII, a partir dos movimentos separatistas da Inglaterra, em contato com o movimento da Reforma Radical em curso na Europa Continental.

No discurso dos principais teólogos do movimento, como Clarence Walker “os batistas são a mesma seita dos cristãos que antes foram descritas como anabatistas³. Realmente parece ter sido o seu princípio dominante desde o tempo de Tertuliano até o presente”. O professor H. Leon Mcbeth admite a teoria do surgimento dos batistas à influência dos anabatistas. Thomas Crosby, em sua obra “*História dos Batistas Ingleses*” e J. M. Carroll, no livro “*Rasto de Sangue*” defendem a teoria conhecida como Seqüência Ininterrupta, chamada como a teoria JJJ, uma alusão à tríade João Batista, Jordão e Jerusalém. De acordo com essa teoria, os batistas vêm de uma seqüência ininterrupta de grupos cristãos dissidentes da Igreja Católica Romana que, ao longo de toda a Idade Média, permaneceram separados da Igreja oficial e, apesar de adotar nomes diferentes, defendiam as principais doutrinas geralmente aceitas hoje por todos os batistas. Possivelmente, como não há evidência documentária para defender as duas teorias anteriores, esse discurso reveste-se de caráter fundante para a constituição mítica do grupo. Pode ser mais plausível relatar que os batistas

² Foto: Adelaide e Carl Matthews fundador dos Batistas Regulares do Rio Grande do Norte.

³ Anabaptistas (re-batizadores, vem dos vocábulos grego: “Ana e Baptizo”; em alemão: “wiedertäufer”) foram os cristãos da chamada “ala radical” da Reforma Protestante. São assim chamados porque os convertidos eram batizados em idade adulta, até mesmo aqueles que já tivessem sido batizados quando criança. Os Anabatistas só consideravam o verdadeiro batismo quando as pessoas tinham se convertido conscientemente a Cristo. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/protestantismo-](http://pt.wikipedia.org/wiki/protestantismo)
[Acesso em: 10/08/2005 às 14:29 h](http://pt.wikipedia.org/wiki/protestantismo-)).

historicamente vieram do separatismo inglês provocado por Henrique VIII, quando resolveu romper com a Igreja Católica Romana. Essa reforma promovida pelo rei assumiu um caráter político em função de que o controle de muitas propriedades por parte da Igreja Romana e os impostos papais enviados para Roma faziam frente com os interesses do reino inglês. Por esta razão, a reforma na Inglaterra começou como um movimento político, prosseguiu como um movimento religioso, terminando no governo da rainha Elisabeth, em meados do século XVI. Devido à enorme extensão da colonização britânica, ela se expandiu por todo o mundo. No contexto dessa reforma, o rei Henrique VIII fez nascer a Igreja Anglicana, da qual surgiram dois grupos dissidentes, os puritanos e os separatistas. O primeiro pretendia purificar a igreja da Inglaterra de seus “males”. Estes aceitavam a doutrina oficial da Igreja Anglicana, mas não toleravam as pompas, cerimônias e o relaxamento dos costumes. Adotavam uma forma rígida de cristianismo que a alegre corte de Londres não podia suportar.

Já os separatistas, que também não estavam satisfeitos com a igreja, queriam ter igrejas independentes do Estado e cultuar a Deus com liberdade. Então, por não conseguirem tais mudanças, emigraram para Amsterdã, na Holanda. Foram liderados por John Smyth em 1607, quando na ocasião receberam forte influência dos anabatistas. Os anabatistas possivelmente surgiram na Alemanha e na Suíça, na segunda metade do século XVI, depois se espalharam pela Europa, como a Itália, Holanda, Moravia e Inglaterra. Há várias teorias acerca do surgimento dos anabatistas. A primeira diz que sua origem está escondida nas profundezas da antiguidade e é, portanto, extremamente difícil de ser verificada, pelo fato de que os anabatistas surgiram como que de repente em vários lugares do continente europeu, indicando a existência desse grupo através dos tempos. A segunda faz os anabatistas descenderem em linha direta dos movimentos pré-reformadores medievais. Finalmente, a teoria que parece mais aceitável é a de que os anabatistas começaram em Zurique, na Suíça, quando Conrado Grebe (1498-1526), ex-estudante da universidade de Viena e

Paris, discordou de seu mestre Zuínglo sobre o batismo infantil, falando com veemência de que tal prática era um erro, pois somente pessoas em condições de professarem a fé e realmente regeneradas poderiam ser batizadas. Muitos que aderiram a esse discurso foram perseguidos pelos aparelhos dominantes da época, a ponto de alguns serem afogados em Limmont, Zurique, em 1527. Também, destacam-se outros anabatistas como: Baltasar Hubmaier, Meno Simons e Miguel Satter, um ex-beneditino que foi executado no dia 20 de maio de 1527 na cidade de Rotemburgo sob algumas acusações como: ensinar e crer que o batismo infantil não dá salvação; desprezar e aviltar a mãe de Deus e condenar os santos; ensinar e crer que o corpo e o sangue de Cristo não estão presentes no sacramento e ter dito que se os turcos invadissem o país, não se lhes deveria oferecer resistência. Em seu termo de sentença, encontramos:

Miguel Satter devera ser entregue ao carrasco. Este o levará até a praça e aí primeiro lhe cortará a língua. Depois o amarrará a uma carroça e com tenazes incandescentes tirará, por duas vezes, pedaços de seu corpo. Em seguida, a caminho do lugar da execução fará isso cinco vezes mais e depois queimará seu corpo até o pó como um arqui-herage (PEREIRA, 1979: p. 59).

As doutrinas principais dos anabatistas eram: igrejas formadas somente de crentes regenerados e batizadas após a profissão de fé; separação do Estado e independentes entre si; a ceia era um ato memorial da morte do Senhor Jesus; a Bíblia era autoridade suprema em matéria de fé e prática, e eram pacifistas.

Em 1611, Thomas Helwys e mais dez companheiros da congregação independente de Smyth voltaram para Inglaterra e organizaram a primeira Igreja Batista na Inglaterra, num lugar chamado Spitalfields, perto de Londres. Com o crescimento numérico do agrupamento batista, surgiram novas igrejas que foram chamadas de Batistas Gerais, devido a sua doutrina que sustentava uma expiação geral para todos os homens. A trajetória histórica do cristianismo dos batistas demonstra a paixão batista pela liberdade através de seus líderes como Thomas Helwys que “advogava explicitamente a completa liberdade religiosa, não somente para seu próprio grupo

religioso, minoritário na época, mas para todos os demais, inclusive os não-cristãos e os ateus” (SHURDEN, 2005: p. 12). Esse entendimento sobre a liberdade religiosa como sendo uma das principais motivações da fundação dos batistas ajuda a compreender os batistas da atualidade como um cristianismo com suas diversidades de interpretações e divisionismos.

A paixão batista pela liberdade é uma das principais razões pelas quais há tanta diversidade na vida batista. Os batistas divergem, e suas diferenças são freqüentemente amplas e profundas. Mas isso sempre foi assim. Já no princípio da vida batista, na Inglaterra do século XVII, por exemplo, os batistas surgiram como dois grupos teológicos separados e bastante distintos, chamados Batistas Gerais e Batistas Particulares (SHURDEN, 2005: p. 18).

Segundo o pensamento de Walter Shurden, o papel do povo batista está fundamentado em quatro liberdades: **a liberdade da Bíblia**, ou seja, ela é o parâmetro central da vida do indivíduo e da igreja. Sendo que cada indivíduo é livre para estudar e obedecer a Escritura; **a liberdade individual** em que cada pessoa é livre para se relacionar com Deus sem a imposição de credos, cleros ou governo civil; **a liberdade da igreja**, entendida como uma liberdade para organizar seus trabalhos sem imposição de uma ordem superior e **a liberdade religiosa**, compreendida como a separação da Igreja do Estado, princípio fundamentado nas palavras de Jesus Cristo: “Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22:21).

Pregando na escadaria leste do edifício do Congresso Americano, em 16 de maio de 1920, Truett disse que a palavra de Jesus sobre dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus foi uma das mais revolucionárias e historicamente transformadoras declarações ditas pelos seus lábios divinos. Aquela declaração, disse Truett, de uma vez por todas marcou o divórcio entre Igreja e o Estado. Ele falou da necessidade de que a doutrina de uma igreja livre num estado livre tenha aceitação universal (SHURDEN, 2005: p. 62).

A herança batista de liberdade religiosa assume um caráter diferenciado da tolerância religiosa que é apenas uma concessão. A liberdade religiosa defendida pelos batistas oferece o direito ao outro de crer ou não crer. Embora não concorde com outros credos religiosos e até não simpatizem. Esse grupo essencialmente é contrário a todas as formas de coerção ou perseguição religiosa.

Em 1633, houve uma cisão nas igrejas Batistas da Inglaterra, quando se formou um grupo separado que recebeu o nome de Batistas Particulares, pois, diferentemente dos Batistas Gerais, acreditavam que a salvação era exclusivamente para os eleitos por Deus. Somente depois de muitos anos, em 1891, esses grupos se uniram. Já aqui se faz presente o espírito da modernidade que não aceita a convivência de teorias divergentes sob o mesmo teto.

1.2 – Os Batistas nos Estados Unidos

Apesar das mudanças promovidas pela transição da pré-modernidade para modernidade, a Europa no início do século XVI ainda sofria com a intolerância religiosa, fato esse que contribuiu para os batistas chegarem no início do século XVII em solo norte-americano. Presumivelmente em março de 1639, com onze membros fundadores foi organizada a primeira Igreja Batista no atual Estado Rhode Island por Roger Willians, um britânico emigrado para América do Norte, foi o principal responsável pelo estabelecimento das Igrejas Batistas nos Estados Unidos.

No final do século XVII e começo do XVIII, existia uma longa cadeia de colônias britânicas na América do Norte que foram fundadas, em parte, por motivos religiosos. Essas parecem que tentaram adotar a liberdade de consciência como alternativa viável à intolerância religiosa que tanto sangue havia custado na Europa. Através do século XVII, os batistas foram severamente perseguidos em todas as colônias na Nova Inglaterra, com exceção de *Rhode Island* que havia liberdade religiosa. Essas perseguições incluíram prisões, multas, açoites ou deportação. A causa da perseguição dos batistas foi devido a sua insistência na liberdade da consciência, separação completa da igreja do Estado e a rejeição do batismo infantil. Além disso, fatores como o regime escravista, as grandes plantações e a exportação dos índios ofuscaram o fervor religioso do protestantismo colonial. Devido a esse esfriamento, a partir de 1734 surgiu um movimento chamado

de “Grande Avivamento”, que em sua fase inicial foi promovido pelo pastor congregacionalista Jonatham Edwards, formado com 17 anos pela Universidade de Yale em 1720. Sua pregação influenciou os estados de Massachusetts e Connecticut. Quatro anos depois George Whitefield promoveu o “avivamento” em outros estados. Edwards, Whitefield e alguns presbiterianos pregavam com um novo brio em suas próprias igrejas, mostrando a necessidade de uma experiência pessoal de conversão. Pecadores se arrependiam de seus pecados em meio a lágrimas e gritos de entusiasmos por receberem o perdão de seus pecados. Eram experiências que davam um novo sentido ao culto e à doutrina cristã.

Muitos presbiterianos e congregacionalista que tinham sido levados pelo “avivamento” acabaram por negar o batismo de criança tornando-se batistas. Devido ao espírito do “grande avivamento” os Batistas e Metodistas passaram a ser os mais numerosos nas treze colônias americanas. Possivelmente, esse movimento contribuiu para a criação de um sentimento comum entre as colônias que, aliado a uma série de mudanças políticas na Europa e nos interesses da pujante burguesia, impulsionou os delegados das treze colônias a decidirem, no congresso continental em Filadélfia, proclamar sua independência da coroa britânica, em 4 de julho de 1776.

No fim do século XVIII e durante o século XIX, desencadeou-se uma grande onda imigratória da Europa para os Estados Unidos. Isso aconteceu devido às guerras napoleônicas, às convulsões sociais causadas pela industrialização, à tirania de alguns regimes e à disponibilidade das grandes extensões de terra ao ocidente da nova nação. Assim, a nação norte-americana recebeu imigrantes de vários credos religiosos: católicos, luteranos, menonitas, morávios, husitas, ortodoxos gregos e russos, etc. Todos fizeram parte do complicadíssimo caleidoscópio religioso dos Estados Unidos. O século XIX foi também marcado pela atitude de pessoas que se opunham à imigração ilimitada de católicos, alegando que a democracia norte-americana de origem protestante era incompatível com o catolicismo romano. Essas idéias reacionárias contribuíram para surgir no

cenário da sociedade o grupo xenófobo Ku Klux Klan⁴, que defendia a idéia de uma nação branca, protestante e democrática. Conseqüentemente, perseguiram os negros, católicos e judeus.

Os negros que a organização caçava, ou aqueles que se confraternizavam com eles – políticos e pastores incluídos tinham os cabelos raspados, eram marcados na testa com três iniciais klânicas, açoitados ou ainda cobertos por asfalto, no qual enfiavam-se plumas. Apresentando-se como guardião da moralidade pública, a Klan punia as mulheres adúlteras, os médicos charlatões, as prostitutas e os marginais. O cenário era repleto de crimes assustadores, como o de “justiçados” moídos por um trator (BLANRUE, 2005: p. 59).

Esse movimento terrorista ocidental, estadunidense, se originou em Stone Mountain, quando Simons e quinze amigos subiram a montanha, construíram apressadamente um altar de pedras e colocaram sobre ele uma bandeira americana, uma Bíblia aberta, uma espada desembainhada e um cantil de água. Ao lado, erigiram uma cruz de madeira e atearam-lhes fogo. Então, sob aquela luz das chamas, todos se ajoelharam e fizeram o sagrado juramento de fidelidade ao Império Invisível. Mesmo com os avanços tecnológicos promovidos na modernidade, o sentimento de ódio e intolerância faz parte do “menu” de alguns grupos religiosos, configurando-se racismo e religião dentro de um único *kuklos*. Infelizmente, hoje ainda sobrevive forte e influenciadora as idéias da Ku Klux Klan.

A postura dos batistas sobre a questão da escravatura pareceu ambígua, porque inicialmente não expulsaram de seu meio as pessoas que insistiam em ter escravos, porém, paradoxalmente, sustentavam posturas abolicionistas. Em 1814, foi formada a Convenção Geral Missionária da Denominação Batista dos Estados Unidos do Norte (também chamada de Convenção Trienal) que tinha como propósito a realização de missões estrangeiras. Em 1845, a Convenção

⁴ Egresso do Center College do Kentucky, Kennedy adotou a palavra grega *kuklos*, que significa “círculo”. Crowe a dividiu em dois e mudou o final, chegando a “Ku Klux”. Observando que os fundadores eram de origem escocesa, Lester propôs acrescentar ao nome uma evocação ao “clã”, em harmonia com a ortografia adotada. (BLANRUE, Paul Eric. Revista História Viva, Ano II, nº 21, julho de 2005, p.54)

Trienal mudou seu nome para União Missionária dos Batistas Americanos. Durante os primeiros anos do século XIX, o sentimento anti-escravagista foi se concentrando no Norte, enquanto que no Sul a economia dependia da escravidão em grau muito maior, começou-se a buscar justificativas para continuá-la. Em 1857, os batistas negaram comissionar uma pessoa recomendada pela Convenção da Geórgia, que tinha escravos. Então, os batistas desse estado e do resto do Sul se reuniram em Augusta, Geórgia, para formar a Convenção Batista do Sul. Assim, nessas circunstâncias, as igrejas do Sul preferiram permanecer separadas das do Norte com suas práticas racistas.

A Convenção Batista do Norte era uma das maiores representações do protestantismo norte-americano. Pautados pelo escopo doutrinário legado pelo fundamentalismo cristão do início do século XX, os batistas convencionais não estavam preparados para as novas configurações que o cenário religioso apontava na Europa e influenciava diretamente as crenças essenciais defendidas pelos convencionais, especialmente a chamada ala mais tradicional.

Para o norte americano Robert Delney:

A Convenção do Norte em 1922 precisava de uma declaração doutrinária. O materialismo, racionalismo, pietismo, criticismo da Bíblia e o evolucionismo foram idéias que penetraram na Convenção. Em 1925 muitos batistas não aceitaram essas idéias e tentaram modificar o quadro que ameaçava os fundamentos essenciais da fé cristã. Depois de muitos debates, colocamos em votação a proposta para expulsar os liberais de nosso meio e perdemos de 740 a 560 votos. Então saímos da Convenção e organizamos uma nova associação. (Informação obtida em entrevista realizada no dia 08/07/2003).

A nova associação de que falou Robert Delney recebeu o nome de Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares. Assim, “o nome regular apareceu no contexto histórico como sinônimo de conservador em suas doutrinas e práticas” (LIMA, 1997: p 27). Então, poderemos sugerir que o termo regular designa um grupo de igrejas Batistas que se separaram da Convenção Batista do Norte dos Estados Unidos, em 1932. A formação da Associação Geral das Igrejas Batistas Regulares

aconteceu na Igreja Batista de Belden Avenue, Chicago, com a presença de 34 representantes de oito estados. Harry G. Hamilton, pastor da primeira Igreja Batista de Buffalo, Nova York, foi eleito presidente da Associação. Em 1950, as organizações aprovadas pela associação eram: Associação Batista para Evangelização Mundial (ABWE); o Concílio Geral das Missões Batistas Cooperativas da América do Norte (MID-MISSIONS); Missões Cristãs Batistas; Missões Batistas Independentes da Terra de Hiawatha e a Sociedade Batista para Missões Nacionais. Em 1950, já havia 567 igrejas afiliadas à Associação com um total de mais de 97.000 membros. Havia oitocentos missionários no campo estrangeiro que vieram dos membros destas igrejas associadas. As ofertas missionárias, em 1949, chegaram a US\$ 1. 737.027. Em 1962, já existiam mais de mil igrejas afiliadas à Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares.

1. 3 - Os Batistas Regulares no Rio Grande do Norte

Em 1860 Thomas Jefferson Bowem, missionário enviado ao Brasil pela Junta de Richmond, associação de igrejas Batistas do Sul dos Estados Unidos, aportou na cidade do Rio de Janeiro. Porém foi impedido pelas autoridades de propagar a doutrina Batista no Brasil. Então Bowen acabou ficando no país por apenas nove meses. Com a Guerra de Secessão (1859-1865) entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos, milhares de imigrantes americanos vieram para o Brasil, estabelecendo principalmente em Santa Bárbara D'Oeste, Piracicaba e Americana, no interior paulista.

Depois de várias tentativas de implantarem o cristianismo evangélico em solo brasileiro, em 1871, em Santa Bárbara, São Paulo, foi fundada a 1ª Igreja Batista entre os americanos. Somente em 1882, no dia 15 de outubro, aconteceu a organização da primeira igreja Batista voltada para os brasileiros, localizada na rua Maciel de Baixo,43, no centro de Salvador, cidade que tinha seus 250 mil habitantes, a segunda cidade do Brasil em população. A Igreja foi fundada pelos missionários

William Bagby e Zacarias Taylor e o ex-padre católico Antônio Teixeira de Albuquerque que tinham chegado à Bahia, no dia 31 de agosto de 1882, com suas famílias.

Os primeiros evangélicos no Rio Grande do Norte a fundarem uma igreja foram os presbiterianos, em 1885, em Mossoró. Depois vieram os batistas, que em 1896 iniciaram uma Igreja Batista em Natal, que só se manteve por 10 anos. Essa Igreja se reorganizou no dia 13 de maio de 1919 como a 1ª Igreja Batista de Natal. Depois vieram “a Segunda Igreja Batista do Natal, em 1933; a Primeira Igreja Batista de Mossoró, em 1944; a Igreja Batista de Nova Cruz, em 1947 e a Igreja Batista de Parnamirim, em 1948⁵. Somente em 14 de abril de 1949 foi organizada a Convenção Batista Norte Rio Grandense, em Natal⁶. Essa Convenção hoje conta com 70 igrejas espalhadas em solo potiguar. Além dos Batistas da Convenção também apareceram em solo potiguar os Batistas Independentes e os Batistas do Sétimo Dia nas décadas de 40 e 50. Em 1938, chegaram ao Rio Grande do Norte os Batistas Regulares. Eram liderados pelo reverendo Carl F. Matthews, da “*Gospel Furtherance Band Inc*” de Appleton, Nova York.

Tivemos a oportunidade de entrevistar Ricardo Mateus, filho do casal de missionários fundadores, o qual nos contou que:

Meus pais vieram para o Brasil em 1932 para o estado da Paraíba. Em 1933 ou 34 mudaram-se para Maranguape, Ceará. Depois de terem ido para os Estados Unidos voltaram para São José do Mipibu em 1938, onde a primeira igreja de nossa associação (Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte) foi estabelecida em 1939. No início da construção da base aérea em Parnamirim, o governo americano pôs pressão sobre ele para ser o intérprete principal e organizar os escritórios na base. Ele trabalhou ali por seis anos. O Senhor usou isso para a divulgação do Evangelho no estado e outros lugares no Brasil (Ricardo Mateus, filho de Carl Matheus, em depoimento exclusivo para essa pesquisa em 08/01/2005).

A Igreja Batista de São José do Mipibu foi organizada no dia 30 de setembro de 1939. Na ocasião, recebeu o nome de Igreja Batista Independente, e não Batista Regular. Somente em

⁵ Informação obtida do livro: Mensageiro da Convenção Batista Norte Rio Grandense, p. 251.

⁶ Informação obtida na ata de fundação da Convenção Batista Norte Rio Grandense, de 14/04/1949.

1944, quando o casal Adelaide e Carl Matthews ingressou na *Association Of Baptists For Word Evangelism* (ABWE), a igreja recebeu o nome de Batista Regular. O termo regular, no seu sentido etimológico, é uma palavra que vem do latim “regulare”. O dicionário Aurélio B. de Holanda Ferreira expressa o seu significado básico como: “conforme às leis, às normas, às regras, às praxes”. Já o significado histórico da palavra regular surgiu entre os holandeses em Nova Jersey em reação ao “grande avivamento,” de 1726, nos Estados Unidos. Esse movimento era caracterizado pelos elementos “sensacionalistas e carismáticos”, os novos ritos e novas configurações usados por George Whitefield, um metodista calvinista inglês, e por Jonathan Edwards, um pastor congregacional avivalista. Assim, as igrejas batistas que não deram apoio ao movimento avivalista foram denominadas de “regulares” ou “velhas luzes”.

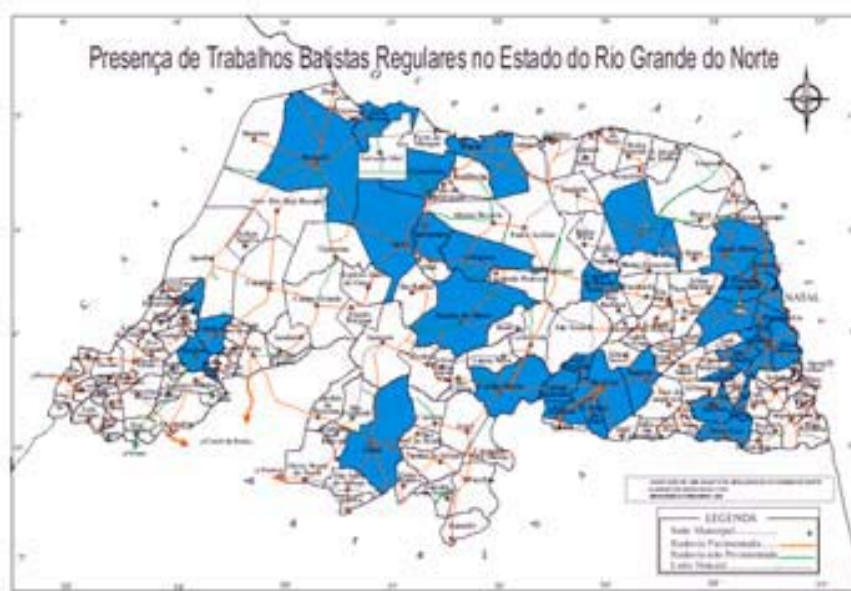


Adelaide e Carl Matthews fundador dos Batistas Regulares no RN



1º Igreja Batista Regular do RN – São José do Mipibu, fundada em 1939.

As conseqüências dos investimentos no envio de missionários para propagação dos credos do protestantismo norte americano resultaram na instalação de várias igrejas no Brasil e, conseqüentemente, em solo potiguar, como os Batistas Regulares que estão presentes na sociedade através de suas 58 igrejas distribuídas em 40 municípios dos 167 do Estado.



Batistas Regulares em 40 municípios do RN

Além das igrejas, os Batistas Regulares contam com a escola teológica Seminário Instituto Batista Bereiano (SIBB), a Casa de Assistência aos Dependentes de Drogas (CAEDD), os

acampamentos Elim e Momentos de Paz, a Associação Feminina, a Associação Missionária Evangélica Nacional (AMÉN), o ministério com crianças de rua e o apoio das missões estrangeiras: *Association of Baptists for Word Evangelism* (ABWE), *Baptists Mid-Missions* (MID-MISSIONS) e a Missão Evangélica Amazonas (MEA). Essas entidades são afiliadas a Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte (AIBRERN).

A escola teológica nasceu com o nome de Instituto Bíblico Batista no dia 07 de março de 1950, na cidade de São José do Mipibu-RN. Essa entidade foi fundada por Carl Mathews. Em 1952, o Instituto mudou-se para sua nova sede, no acampamento Elim, na Lagoa do Bonfim, município de Nísia Floresta.

Em 1954, aconteceu a mudança dessa escola teológica para uma casa alugada em Natal na Av. Junqueira Ayres e depois para outra casa na Avenida Hermes da Fonseca. Somente em 1957, foram inauguradas as novas dependências da escola na Av. Hermes da Fonseca, com o nome de Seminário e Instituto Batista Bereiano, nome que permanece até hoje. Atualmente essa escola funciona na Av. Alenxandrino de Alencar, 1630.



Escola Teológica dos Batistas Regulares – 1950

Município de São José do Mipibu-RN



Escola Teológica dos Batistas Regulares em Bom Fim – 1952
Município de Nísia Floresta



Escola Teológica dos Batistas Regulares – 1957
Av. Hermes da Fonseca – Natal/RN



Escola Teológica dos Batistas Regulares em Natal – 1963
Bairro Tirol



Escola Teológica dos Batistas Regulares em Natal – 2005
Av. Alexandrino de Alencar, 1630.

A Casa de Assistência Espiritual aos Dependentes de Drogas (CAEDD), fundada pelo missionário Leon Franklin Small, em 17 de maio de 1989, é uma entidade civil, sem fins lucrativos e duração por tempo indeterminado, com sede situada na rua João da Fonseca Neto, nº 556, bairro Passe e Fica, em Ceará-Mirim/RN. Essa instituição tem como finalidade a recuperação de pessoas, independentemente de raça, cor, sexo ou religião.

A Casa de Assistência Espiritual para Dependentes de Drogas tem por finalidade a recuperação através de uma assistência espiritual, médica e social do drogado, e realizar um trabalho de evangelização com a intenção de conduzir as pessoas ao conhecimento de Jesus Cristo como Senhor e Salvador de suas vidas, o qual, segundo a visão desse grupo, pode tornar o indivíduo pleno da capacidade de viver em sociedade, sendo útil a si e ao meio em que vive.



Refeitório da CAEDD – 2005

Ceará Mirim/RN



Campo de Terapia da CAEDD – 2005
Ceará Mirim/RN

O Acampamento Elim, localizado na Lagoa do Bom Fim, município de Nísia Floresta, oferece um lugar de notável beleza. Inicialmente o patrimônio desse acampamento foi adquirido pelo missionário Carl Matthews, em 1939, do Sr. João Became Dantas, por 5.000 réis. Em 1946, a metade desse patrimônio foi vendida à Missão ABWE e, posteriormente, a outra metade foi doada pela esposa do missionário Carl Matthews, dona Adelaide, a mesma missão. O teólogo Batista Regular Randy Cook descreveu o Elim como: “Uma porção de felicidade no litoral do lindo lago, em Bom Fim, foi adquirida por Carl Matthews, em 1948. O Acampamento Bom Fim é o primeiro acampamento Cristão organizado no Brasil”⁷.

⁷ A piece of property on the shore of beautiful lake Bom Fim was acquired by Carl Matthews, and the first camp was held there in 1948. Camp Bom Fim is the first organized Christian camp in Brazil (COOK. 1980: p. 3).



Refeitório do Acampamento Elim - 2005
Município de Nísia Floresta



Dormitório do Acampamento Elim - 2005
Município de Nísia Floresta



Praia do Acampamento Elim - 2005
Município de Nísia Floresta



Tabernáculo do Acampamento Elim - 2005
Município de Nísia Floresta

O Acampamento Momentos de Paz está situado na praia de Morro Pintado, município de Areia Branca. Semelhantemente ao Elim, oferece durante o ano atividades recreativas e religiosas. Esse acampamento foi fundado no final da década de 70 pelo missionário Robert Flanklim.

A Associação Feminina dos Batistas Regulares foi fundada em 1975 com a finalidade de promover a edificação espiritual através de dois encontros anuais das mulheres batistas regulares do Estado. Essa entidade também desenvolve um trabalho de assistência social para algumas entidades.

A agência missionária AMÉN (Associação Missionária para Evangelização Nacional) foi fundada em 1973 pelo Pr. Seziom Batista. Atualmente, mantém dois missionários no campo noroeste-riograndense com algumas dificuldades.

O trabalho com crianças de rua tem sido realizado a partir de 2004 pela missionária Nilze Costa dos Santos, na rua Madre Tereza de Calcutá, Parnamirim – RN. Esse ministério ainda está em fase inicial, funcionando parcialmente, pois ainda é carente de toda uma infra-estrutura para seu desenvolvimento integral.

A *Association Of Baptists For Word Evangelism* (ABWE-Norte-Americana) instalada em solo potiguar desde 1937 tem ajudado diretamente no desenvolvimento dos Batistas Regulares através de aquisições de terrenos, construções de templos e no processo de implantação da filosofia doutrinária do movimento. A *Baptist Mid-Missions* (Norte-Americana) semelhantemente tem realizado o mesmo trabalho. A Missão Evangélica Amazonas (MEA-Irlandeses) chegou em campo potiguar em 1985 e tem centralizado seus esforços missionários na mesorregião do agreste potiguar, cooperando com as igrejas já implantadas e organizando novas igrejas.

A Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte (AIBRERN) foi formada em 1946 com a presença das lideranças estaduais e missionários na sede da Igreja Batista Regular em Parnamirim. As Igrejas Batistas Regulares de São José do Mipibu, Parnamirim e Lagoa Seca foram as igrejas fundadoras dessa instituição, sendo hoje a entidade de maior

representatividade dos Batistas Regulares do Rio Grande do Norte. Conforme seus estatutos, essa associação tem a finalidade de:

- I. Associar Igrejas, Congregações e entidades Batistas Regulares que subscrevem os Estatutos e Artigos de Fé adotados pela AIBRERN;
- II. Motivar, promover e incentivar entre Igrejas, Congregações e Entidades afiliadas, interdependência e cooperação recíprocas no estabelecimento de novas Igrejas, no sustento de Missionários, Escolas, Imprensa, Acampamentos, Seminários, Abrigos, etc., prestando inclusive assistência jurídica;
- III. Arbitrar os litígios ético-doutrinários entre os afiliados, quando para isto convocada, respeitando o princípio de autonomia e,
- IV. Operacionalizar a completa separação de movimentos ou organizações que firam a Declaração Doutrinária da AIBRERN, os Estatutos e os Princípios Históricos dos Batistas Regulares, tais como: Modernismos teológicos, modernismo prático, Neo-Ortodoxia, Neo-Evangelicalismo, Evangelho Social, Ecumenismo, Cultismo (profético, carismático e oriental)

(Art. 3º - Capítulo I - Estatuto da AIBRERN)

A finalidade do ponto IV da Associação Batista Regular do RN estar pautada na doutrina que consiste na prática da separação de qualquer grupo que não defenda os mesmos princípios doutrinários dessa associação. Para os Batistas Regulares existe uma preocupação notória em evitar a infiltração das doutrinas, filosofias e práticas que não estão de acordo com seus postulados, tais como, os gritos de glória a Deus, aleluia e louvado seja o nome do Senhor, visões, revelações extra bíblica, falar línguas, cultos ecumênicos, danças, ritmos musicais como samba, rock, baião etc. Essa postura do movimento Batista Regular possivelmente acontece devido ao entendimento desse grupo de que essas praticas violam os

princípios da Bíblia, da ordem e decência do culto ao Senhor. Também para esse grupo muitas dessas expressões de espiritualidade são induzidas pelo emocionalismo e, conseqüentemente, não resultando em sincera adoração, em “espírito e em verdade” com toda reverência, conforme o padrão da Bíblia.

O Batista Regular José Soares, em entrevista concedida para nosso trabalho, falou sobre a importância da Associação dos Batistas Regulares do RN :

A Importância da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte está no que diz a sua própria razão de existência: associar igrejas e entidades da mesma fé e ordem; encorajar ao enfoque missionário; promover a comunhão entre o povo Batista Regular e alertar quanto aos perigos dos ataques do inimigo que têm os mesmos e antigos ideais. A associação de um povo que tem a mesma fé e desenvolve as mesmas práticas baseadas nos mesmos princípios da eterna Palavra de Deus. Isto é, visando à glória de Deus, a edificação de seu povo e a salvação dos pecadores (Informação obtida em entrevista realizada no dia 20/09/2004).



Logotipo da AIBRERN

O símbolo da Associação das Igrejas Batistas Regulares expressa dois significados essenciais para compreensão de sua práxis. Os Batistas Regulares escolheram o fogo e a espada como figuras que aparecem na Bíblia para, simbolicamente, representar a totalidade de sua representação na sociedade. A palavra fogo que muitas vezes aparece na Bíblia geralmente é usada de modo figurado. Possivelmente, os Regulares escolheram esse simbolismo para fazer parte da configuração de seu logotipo, fundamentado em alguns textos da Bíblia, como: “E sucedeu que, posto o sol, houve escuridão; e eis um forno de fumo, e uma tocha de fogo, que passou por metades” (Gênesis 15:17). Esse texto mostra uma tocha de fogo movendo-se como se fosse a assinatura de Deus do contrato ou aliança de Deus com Abraão. “E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo do meio de uma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia” (Êxodo 3:2). O fogo aparece com uma conotação de purificação que protegia o lugar sagrado. “E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo: e o seu fumo subiu como fuma dum forno, e todo monte tremia grandemente” (Êxodo 19:18). Assim como a coluna de fogo que servia de guia para o povo judeu em sua peregrinação à terra prometida como garantia aos fiéis que eles estavam sendo levados e seguidos pela presença divina. O fogo nesse texto também manifesta a presença do divino no Monte Sinai. Já em Gênesis 19:24, o fogo aparece como simbolismo de julgamento sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, quando naquela ocasião foram consumidas pelo fogo.

O vocábulo grego para fogo (*pyr*) em sua raiz comum se refere primariamente ao poder que o fogo contém. Observa-se que no Novo Testamento os derivados dessa palavra são empregados em conexão com a atividade de Deus. Paradoxalmente, na história da religião e da cultura, o fogo aparece tanto no sentido positivo como negativo, como força que dá vida e a destrói. No caso do logotipo da AIBRERN, o fogo aparece representando o poder do evangelho no sentido de expressar a proclamação do plano de salvação para o homem perdido, de modo poderoso como o fogo. Em

Hebreus 12:18 a expressão “não tendes chegado ao fogo palpável e ardente” mostra que a revelação mosaica de aliança do Antigo Testamento foi dada no meio do fogo. O fogo nesse texto pode carregar um sentido de força com suas circunstâncias externas e um sentido espiritual carregado de graça, acolhimento e temor daqueles que pretendem aproximar-se da nova aliança como o homem tinha que aproximar-se do Monte Sinai, lugar que Deus revelou a Moisés os dez mandamentos⁸.

A arma mais freqüentemente usada na Bíblia é a espada, usada metaforicamente pelos Batistas Regulares como um símbolo de batalha da fé. Essa batalha para os Regulares está principalmente fundamentada no texto: “Amados, procurando eu escrever-vos com toda diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas⁹ 3 – Novo Testamento). A espada no livro aos Hebreus é comparada com a Palavra de Deus, no sentido de ter uma conotação de poder e eficácia para até atingir as partes mais íntimas da personalidade do indivíduo. Trata-se de uma arma para ser usada pelo crente, no combate aos inimigos da alma. “Pois a Palavra de Deus é viva e eficaz e mais afiada do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra a ponto de dividir alma espírito, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração” (Hebreus 12:4 – Novo Testamento).

O Batista Regular José Erinaldo, confirma o fato de uma ênfase dos regulares na luta para proteger suas “fronteiras religiosas” ao comentar a frase: “Se por um tempo os evangélicos parecem fadados à derrota, que morram lutando” (Charles Haddson Spurgeon (1834-1892), pregador protestante).

Sabemos que nos últimos quatro anos de sua vida Spurgeon travou uma batalha contra as tendências do modernismo, por entender que ele seria uma ameaça para o cristianismo. Spurgeon tinha razão, quando fez esta citação sabia que gigante que combatia não morreria e traria estragos irreparáveis na igreja de sua época e que refletiria na igreja dos nossos dias a passos largos. Mas sua luta não foi vã, seu brado foi ouvido por muitos e sua luta encorajou outros a seguir o

⁸ Ver Êxodo 19:18.

⁹ Judas se identifica como irmão de Tiago (Jd 1), o líder da igreja em Jerusalém (At 15) e meio irmão do Senhor Jesus. Judas é alistado entre os meios irmãos de Jesus em Mt 13:55 e Mc 6:3 (RYRIE, 1994: p. 1585).

seu exemplo, tanto em sua época como em nossos dias, cem anos depois. Seremos sempre minoria, mas nossa disposição em lutar até as últimas conseqüências contribuirá para que um remanescente fiel permaneça existindo até a vinda de Cristo (Informação obtida em entrevista realizada no dia 13/08/2003).

Assim, os Batistas Regulares têm as espadas em seu logotipo como uma representação simbólica que assume um tom de proteção ao seu capital religioso. Essa proteção também é confirmada no livro de atas da Igreja Batista Regular de João Câmara que encontramos o seguinte texto: “Foi feita uma proposta para que a irmã Etelvina Cirilo fosse eliminada desta igreja, por ter a mesma se casado com um crente da Igreja Pentecostal, tendo resolvido ingressar naquela igreja, sendo feita a proposta e aceita por unanimidade de votos” (Ata nº 28 da Igreja Batista Regular em João Câmara, de 1952).

O símbolo produz representações que, na percepção, se projetam no mundo exterior, e se identificam com a realidade percebida. Ressuscitada pela e na rememoração, a representação restitui, apesar da ausência, a presença concreta dos seres, coisas e situações que evoca (MORIN, 1986: p. 146).

O logotipo da AIBRERN é um símbolo que muito bem representa a manifestação da espiritualidade dos Batistas Regulares, revelando consideravelmente a identidade desse grupo.

O símbolo suscita o sentimento de presença concreta daquilo que é simbolizado, e, na plenitude da sua força, constitui, numa só palavra ou numa só figura, uma implicação ou concentração hologramática original da totalidade que ele torna presente (MORIN, 1986: p. 148).

Segundo o pensamento de Pierre Bourdieu, o processo de sistematização das práticas e crenças religiosas aparecem como um resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos que exercem a função de produzir e reproduzir um conhecimento organizado. Esse que pode ser chamado de capital religioso no sentido de que, enquanto trabalho simbólico acumulado, assume uma postura de superioridade ao pressupor que os outros, por não possuir esse capital religioso, ocupam uma posição inferior.

Este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a *demanda religiosa* (ou seja, os interesses

religiosos dos diferentes grupos ou classes de leigos) e a oferta religiosa (ou seja, os serviços religiosos com tendência ortodoxa ou herética) que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de forças religiosas (ou seja, , em função de seu capital religioso) e, do outro lado, este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos (BOURDIEU, 1987: p. 57).

Os Batistas Regulares têm o interesse de proteger seu capital religioso *Telle Quelle* através de reforços que apontem para promessas de salvação e justificações que são capazes de libertar as pessoas da angústia existencial, da miséria biológica, do sofrimento e da morte. Além disso, oferece ao indivíduo o direito de existir em uma posição social determinada.

O funcionamento do campo religioso dos Batistas Regulares acontece à medida que o monopólio de seu capital religioso tem a intenção de perpetuar-se de modo a impedir veementemente a entrada de novas expressões religiosas.

A igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital *de graça institucional ou sacramental* (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e, portanto, substituíveis do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma *autoridade* (ou uma *graça de função* (ou de instituição) (BOURDIEU, 1987: p. 58).

A primeira Igreja Batista Regular do Rio Grande do Norte confirma o pensamento de Bourdieu: “Falando-se da ausência de alguns membros, foi apresentada à irmã Helena Xavier da Silva que devíamos enviar-lhe uma carta esclarecendo que a irmã deve procurar ouvir as doutrinas da igreja e não doutrinas pentecostais” (Ata da Igreja Batista Regular em São José do Mipibu – 4 de dezembro de 1944, p. 3).



2 – FUNDAMENTALISMO E OS BATISTAS REGULARES¹⁰

2.1 – Origem do Fundamentalismo

**Hay que endurecerse sin perde la ternura
(Che Guevara)**

A Conferência Bíblica do Niagara no final do século XIX anunciou os cinco “fundamentos da fé” cristã: (1) a crença na inerrância da Bíblia; (2) o nascimento virginal e a divindade de Cristo; (3) a morte vicária e expiatória de Jesus Cristo; (4) a ressurreição pessoal de Jesus Cristo e (5) a segunda vinda de Cristo. Esses fundamentos aliados aos cinco pontos da Declaração da Assembléia Geral Presbiteriana, em 1910, e a crença no milenarismo¹¹ foram os principais dogmas influenciadores do pensamento fundamentalista. Essa Conferência ocorreu porque os protestantes conservadores reagiram contra às novas idéias liberais sobre evolução, criticismo bíblico e coisas semelhantes, assim, esse grupo insistiu na defesa de algumas doutrinas que no entendimento deles eram inegociáveis.

Fundamentalismo é um nome que serve para identificar o Cristianismo Americano Conservador após 1920. Esse nome possivelmente foi cunhado em 1920 por Curtis Lee Laws no jornal *The Baptist Watchman Examiner*. “Num encontro da *Northern Baptist Convention* em 1920, Curtis Lee definiu fundamentalista como alguém que está disposto a recuperar territórios perdidos para o Anticristo e a lutar pelos fundamentos da fé” (ARMSTRONG, 1991: p. 199). O termo fundamentalismo recebeu essa nomenclatura devido a uma série de publicação de 12 volumes com 90 ensaios em defesa das doutrinas do Cristianismo. Estes foram publicados entre 1910–1915 com o título de “*The Fundamentals*”. Essa obra foi financiada pelos empresários do petróleo, os irmãos Lyman e Milton Stewart que investiram 200 mil dólares para publicação, promoção e distribuição

¹⁰ Foto: Michelangelo Meresi Caravaggio. The Incredulity of Saint Thomas – Disponível em: <www.secrel.com.br>

¹¹ Essa crença é defendida pelos chamados pré-milenistas que defende em sua doutrina escatológica a espera do retorno de Jesus Cristo para inauguração de uma era de paz e prosperidade para os salvos durante o período literal de mil anos na terra.

dos mais de trezentos mil volumes aos pastores, missionários e cristãos ao redor do mundo. Os Fundamentos eram uma coleção escrita com o propósito essencial de defender a doutrina cristã através dos assuntos tratados em seus artigos que incluía: inspiração da Bíblia; deidade de Cristo; nascimento virginal de Cristo; ressurreição de Cristo; expiação de Cristo; segunda vinda de Cristo; evangelismo, missões, evolução e arqueologia. Esses artigos revelam um propósito inicial de defender e exaltar a visão tradicional da Bíblia, já que em sua maioria eram dedicados a mostrar a infalibilidade e inspiração das Escrituras. O surgimento desse movimento foi uma reação ao movimento chamado de Liberalismo Teológico, nascido na Alemanha, que defendia em seus principais pressupostos tais como a aceitação das teorias das ciências da natureza a respeito da idade e forma de surgimento do universo e da vida; teoria das fontes¹²; história das religiões comparadas; teoria da revelação progressiva; aceitação do naturalismo como explicação filosófica do mundo e do emprego de métodos e técnicas originários das ciências históricas, sociais e naturais no estudo da Bíblia e de seus manuscritos.

Um dos teólogos do liberalismo, Kirsopp Loke, comenta:

É um erro, geralmente cometido por pessoas educadas que têm pouco conhecimento de teologia histórica, supor que o fundamentalismo é uma forma de pensar nova e estranha. Ele não é nada disto, ele é... sobrevivente de uma teologia que uma vez sustentada universalmente por todos os cristãos. O fundamentalismo pode estar errado; eu penso que ele está. Mas somos nós que temos nos desviados da tradição, não eles, e eu sinto pelo fato que alguém argumente com os fundamentalistas na base da autoridade. A Bíblia e o *corpus theologicum* da igreja estão do lado fundamentalista (MCLACHLAN, 1993: p.4).

Em linhas gerais, podemos dizer que o Liberalismo Teológico representava para os fundamentalistas um perigo para os princípios fundamentais do Cristianismo. As correntes teológicas e filosóficas que abriram caminho para o surgimento do liberalismo foram idealizadas sob as premissas de alguns pensadores, como Immanuel Kant, Schleiermacher e Hegel.

¹² Proveniente do domínio, então recém-criado, da crítica bíblica, essa teoria rejeitava a autoria mosaica do Pentateuco e explicava a formação dos livros da lei através da compilação tardia de várias tradições.

Immanuel Kant (1724-1804), nascido em Königsberg, Prússia oriental, foi professor de filosofia, lógica e matemática em Königsberg. Segundo seu pensamento, o cristianismo era uma maneira de ensinar ética para os menos sofisticados em filosofia.

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) era ministro de uma comunidade reformada alemã conhecida como Igreja da Trindade, em Berlim. Introduziu a idéia da religião como uma condição do coração, cuja essência é o sentimento. Esse pensamento colocava a experiência acima da Bíblia; conseqüentemente, as Escrituras não passavam de uma coletânea de escritos provenientes das experiências emocionais e intuitivas de autores religiosos. Para Schleiermacher, a Bíblia não era uma obra infalível. Suas expressões teológicas contribuíram para o surgimento do liberalismo e o movimento pentecostal.

Schleiermacher tornou-se pastor e professor universitário. Ao lado de sua carreira como professor de Teologia e de sua função de diretor da Faculdade de Teologia da Universidade de Berlim, pregou quase que dominicalmente na Igreja da Trindade. Com *Wilhelm Von Humboldt* (1767-1835) fundou a Universidade de Berlim. Lecionou todas as disciplinas teológicas, exceto o Antigo Testamento. Suas obras teológicas vão da obra- prima apologética *Sobre a Religião: aos cultos dentre seus desdenhadores* (1799) até a dogmática *A Fé Cristã* (1821-1822) (DREHER, 2002: p. 66).

Goerge W. F. Hegel (1770-1831), nascido em Stuttgart, formado pela Universidade de Tübingen, foi professor de filosofia na Universidade de Berlim. O pensamento de Hegel sobre religião corroborou com a premissa de que não há acesso a Deus fora da experiência e que não existe nenhum conhecimento de Deus por meio da teologia natural ou revelada.

Devido às idéias de alguns pensadores da época, os chamados “guardiões da fé” cristã reagiram ao movimento chamado liberalismo.

Comenta Armstrong:

A maioria dos fundamentalistas era batista ou presbiteriano, e em seu meio travaram-se os combates mais acirrados. Em seu célebre livro *Christianity and*

Liberalism (1923), o teólogo presbiteriano J. Gresham Machen¹³ (1881-1937), o mais intelectual dos fundamentalistas, classifica os liberais como pagãos que, ao negar a verdade literal de doutrinas essenciais como o nascimento virginal, negavam o próprio cristianismo (ARMSTRONG, 1994: p. 202).

Com o desenvolvimento do fundamentalismo, a maioria das denominações protestantes nos Estados Unidos pôde perceber a clara distinção entre liberalismo e fundamentalismo. Pareceu que o fundamentalismo tinha triunfado sobre o liberalismo. No entanto, em 1925, o caso Scopes descreditou o movimento de tal modo que ficou evidente a derrota dos fundamentalistas na batalha contra o ensino do evolucionismo nas escolas norte-americanas. O espírito do caso Scopes de julho de 1925 vez por outra tem renascido na sociedade; nele, o professor John Scopes foi levado a julgamento no Tennessee por ensinar na pequena cidade de Dayton a teoria da evolução. Esse caso provocou na época a consolidação de uma forma disjuntiva¹⁴ de pensar a relação entre ciência e religião. Através dos ataques do político democrata e presbiteriano William Jennings Bryan (1860-1925), que lançou várias cruzadas nos Estados Unidos da América contra o ensino da teoria da evolução nas escolas e faculdades, podemos confirmar esse pensamento disjuntivo que emergiu na sociedade norte-americana.

Fundamentado nos livros: *The Science Of Power* (1918), de Benjamin Kidd e *Headquarter Nights* (1917), de Vernan L. Kellogg, Bryan achava que o responsável pelas atrocidades da 1ª Guerra Mundial fora o darwinismo, como também advogava que a ciência eliminava da Bíblia o miraculoso e o sobrenatural. Então concluiu que a teoria da evolução era

¹³ Teólogo conservador norte-americano, professor de grego, de teologia do Novo Testamento, controversista eclesiástico. Filho de presbiterianos formou-se com altas honras na Universidade John Hopkins. Estudou com os eruditos B. L. Gildersleeve, Benjamim Warfield, Charles Patton, Gehard Von e R. D. Willson, na Universidade de Princeton. Machan estudou um ano na Alemanha (pós-graduação) nas Universidades de Marburg e Göttingem. Mesmo sendo instruído por teólogos liberais schleiermachereanos como Wilhelm Hermann, continuou irredutível em seu compromisso com a ortodoxia teológica, defendendo a infalibilidade das Escrituras Sagradas e as doutrinas tradicionais da Teologia Reformada Histórica.

¹⁴ Vários elementos compõem o quadro do paradigma da **disjunção**: o primeiro desses elementos é o dualismo, provavelmente a semente de todo o paradigma disjuntivo. Outros elementos são: a fragmentação do saber, a especialização, o mecanicismo, o ateísmo militante e o desencantamento do mundo. O paradigma da DISJUNÇÃO provoca uma lista de dualismos que se sobrepõem: matéria-espírito, sujeito-objeto, cultura-natureza, alma-corpo, qualidade-quantidade, finalidade-causalidade, sentimento-razão, liberdade-determinismo, existência-essência (LOPES JR., 2003: pp. 39 e 42).

incompatível com a moralidade, a decência e a sobrevivência da civilização. Em defesa da ciência a *American Civil Liberties Union* enviou Clarence Darrow (1857-1938) para defender a liberdade que a ciência devia ter para expressar-se e progredir.

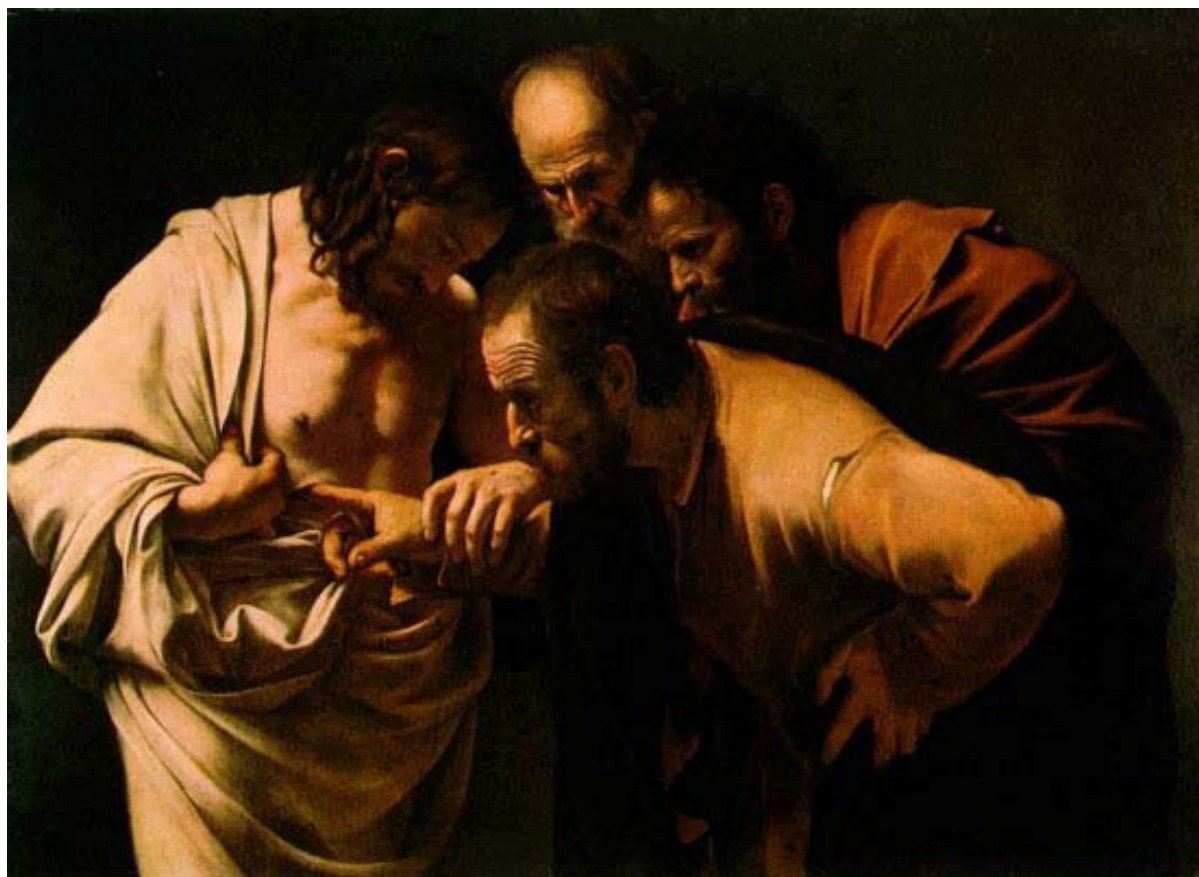
Com sensacionalismo, Darrow convocou o próprio Bryan, como testemunha para a defesa, e gastou noventa minutos interrogando-o cruelmente acerca de seu conhecimento de ciência, teologia e religiões comparadas como tentativa de ridicularizar a crença conservadora.

Infelizmente esse julgamento do jovem professor John Scopes extrapolou os canais da tolerância e da convivência e assumiu uma dimensão de um embate entre Deus e a ciência. No final das arguições (ataques e defesas), Scopes foi condenado, mas a *American Civil Liberties Union* pagou a fiança e a “guerra fria” entre ciência e religião continuou.

Comenta Lopes Jr.:

Os jornais aproveitaram ao máximo o episódio para criticar os evangélicos, tidos na época como equivalentes aos fundamentalistas. Darrow registrou prazer mórbido pela vitória ao comentar num jornal, em termos pouco elegantes a morte de Bryan, ocorrida uma semana após o julgamento. Na representação popular norte-americana, o episódio teve como efeito a idéia de que os evangélicos eram intelectualmente limitados (LOPES JR, 2005: p. 82).

Ciência é ciência, religião é religião, parece que se fizermos uma leitura atual do relato no evangelho segundo João, podemos ver em certos momentos essa realidade. Jesus ressuscitado aparece primeiro diante de Maria Madalena, no domingo chamado da ressurreição, e depois diante de todos os discípulos, com a exceção de Tomé. A história famosa conta o seguinte: Jesus volta depois para concluir o conto moral de um homem corajoso e curioso, atormentado pela dúvida, mas punido e perdoado com uma lição gentil que serve para todos nós. Então Jesus veio, com as portas fechadas, e ficou no meio dos discípulos e disse: “Paz a todos”. E dirigindo-se a Tomé disse: “estenda a mão, e toque nas minhas; estenda mais a mão, e toque no meu flanco; e não seja incrédulo, mas acredite”. E Tomé respondeu-lhe: “Meu Senhor e meu Deus”.



The Incredulity of Saint Thomas – Caravaggio, Michelangelo Merisi da.

Podemos observar na reprimenda de Jesus uma revelação que diferencia fundamentalmente a fé e a ciência; por isso, Jesus disse: “Tomé, tu acreditaste porque me viste; bem-aventurados sejam os que acreditam sem ter visto”. Possivelmente Jesus também esteja dizendo que o campo da ciência é um e o da religião é outro, “a esfera ou o magistério da ciência engloba o mundo empírico; de que é feito o universo (fato) e por que ele funciona de determinada maneira (teoria). O magistério da religião engloba questões de significados definitivos e valor moral” (GOULD, 2002: p 13). Provavelmente por se tratar de magistérios diferentes, não há como unificar ou mesmo sintetizar a ciência com a religião. Possivelmente a reflexão apontada na tese “*O Espelho de Procrusto*”, de Orivaldo P. Lopes Júnior, possa mostrar um caminho que cruze o grande abismo existente no relacionamento ciência e religião pela via da interação que se dá pela base do não-

dualismo, isto é, pela negação da barreira intransponível da distinção ontológica. Ciência e religião não lidam com duas realidades ou com dois lados do mesmo ser humano, mas com o ser humano integral numa realidade integral e complexa. O saber fragmentado deve ser substituído com indica Heisenberg:

Por sua atitude aberta, em face de todos os tipos de conceitos, a física moderna faz renascer a esperança de que, no estado final de unificação, tradições culturais distintas possam viver lado a lado, podendo mesmo combinar diferentes tentativas humanas em um novo equilíbrio entre pensamento e ação, entre atividade e meditação (HEISENBERG, 1998: p. 285).

GOULD, no livro “**Pilares do Tempo**“, defende que a ciência e a religião devem se constituir e considerarem-se mutuamente como magistérios não interferentes e que devem se cumprimentar com **respeito** e interesse no terreno distintamente humano da palavra. Seu pensamento é semelhante ao do físico Freeman Dyson, para quem a religião e ciência podem conviver harmonicamente na alma humana, e que cada uma respeite a autonomia da outra, contanto que nenhuma delas se arrogue à infalibilidade.

Aceitar o diálogo como algo legítimo e sem pensamentos preconceituosos, possivelmente, pode ser uma ponte que cruze o atual abismo entre ciência e religião. A religião tem que estar pronta a ser analisada até em seus pressupostos mais profundos, e a ciência terá de abrir mão de certos preconceitos. Além disso, cada uma deve manter seus campos de atuação e optar por um equilíbrio que ofereça dignidade e distinção a cada uma dessas áreas, de modo que ciência e religião coexistam de forma pacífica. Assim, é imperativo banir o grande abismo da intolerância e sectarismo, e buscar a construção de cruzamentos desse grande abismo, na intenção de que religião e ciência (juntas) enriqueçam nossas vidas.

A possibilidade de interação ciência e religião no início do século XX, nos Estados Unidos era impensável devido o movimento fundamentalista sentir-se ameaçado pelo novo modo de interpretar a Bíblia. Conseqüentemente, esse movimento colaborou para acentuar a disjunção entre

ciência e religião. As palavras do escritor americano Dave Hunt atesta o fato da permanência dessa disjunção na atualidade:

A psicologia é um dos problemas mais tristes da igreja hoje. São os novos projetos, os líderes deles são populares (nos EUA), eles são os conferencistas mais requisitados hoje, muito disso diz respeito ao dinheiro quando exponho o que é a psicologia chamada cristã” (Informação obtida em entrevista no dia 10/10/2003).

2.2 – O Fundamentalismo e o Evangelicalismo (neo-evangelicalismo)

Entre 1920-1925, o fundamentalismo batalhou em outra frente nas grandes denominações (Metodistas, Batistas e Presbiterianas). Era uma luta contra os que toleravam e os que negavam os fundamentos da fé tradicional. O sermão “Irão os Fundamentalistas Vencer?” do pregador batista não-fundamentalista, Harry Emerson Fordick, mostrava a divisão existente no seio das denominações protestantes. Já um dos representantes do movimento fundamentalista Clarence E. Macartney ratificava essa divisão com o artigo “Irá a Descrença Vencer?”.

Para Marsden:

O sermão de Fordick captou exatamente os sentimentos liberais do momento e recebeu uma larga divulgação. Diferente de autores e outros ataques liberais que tentavam diminuir o fundamentalismo associando-o com outras formas de extremismo, Fordick mostrou-se bem informado sobre a natureza do movimento. Fundamentalistas, ele disse, eram especialmente conservadores intolerantes... Repetidamente ele enfatizou que o alvo dos fundamentalistas era forçar aqueles com outras idéias para fora das igrejas. O tema central de sua mensagem era a urgente necessidade de tolerância para ambos os lados (MARSDEN, 1980: p. 171).

A derrocada causada pelo caso Scopes e as constantes divisões nas denominações fundamentalistas provocaram o surgimento de várias organizações, como: Igrejas Fundamentalistas Independentes da América (1930); Associação Geral de Igrejas Batistas Regulares (1932); Igreja Presbiteriana da América (1936); Igreja Presbiteriana Ortodoxa; Igreja Presbiteriana Bíblica (1938); Associação Batista Conservadora da América (1947), Universidade Bob Jones, Instituto Bíblico

Moody e o Seminário Teológico Dallas, todos rerepresentavam o fundamentalismo. Por outro lado, surgiu o movimento chamado de evangelicalismo ou neo-evangelicalismo¹⁵.

O neo-evangelicalismo foi um termo criado pelo primeiro presidente do Seminário Teológico Fuller, Harold J. Ockenga, em 1947. Esse movimento surgiu devido à crise instalada entre os cristãos ortodoxos que pareciam incapazes de enfrentar a alta crítica alemã, o evolucionismo darwinista, a psicologia freudiana, o socialismo marxista, o niilismo de Nietzsche e o naturalismo da nova ciência. As idéias do evangelicalismo foram promovidas pela Associação Nacional dos Evangélicos (1942), Seminário Teológico Fuller (1947) e a revista *Christianity Today* (1956). Essas instituições representavam as expressões mais significativas para consolidação do pensamento neo-evangélico.

No pensamento de Hordern, a diferença entre os neo-evangélicos e os fundamentalistas deve-se ao fato de que os primeiros são mais abertos ao diálogo teológico com os liberais, a outras correntes e não são definidos com respeito a algumas doutrinas, tais como pré-milenismo e interpretação literal das Escrituras; já os fundamentalistas têm definição mais acurada nestas questões. Para Ashbrook “a separação é a doutrina que se situa na intersecção entre o fundamentalismo e o neo-evangelicalismo” (ASBROOK, 1992: p. 4).

O Pastor Francisco Xavier, um Batista Regular, refletindo sobre o tema da separação disse:

Para ser fundamentalista cristão, tem de ser bíblico, e para ser bíblico, tem de ser separatista. Mantemos separação das falsas doutrinas como: a Adventismo e suas ramificações, Russelismo, ou os “chamados Testemunhas de Jeová”, Mormonismo, Espiritismo, Catolicismo Romano, Ocultismo, Feitiçaria, Ciência Cristã, as Confusões Pentecostais, A Renovação Carismática, do Grupo G 12, etc. (Informação obtida em entrevista realizada no dia 10/03/2004)

¹⁵ Movimento entre evangélicos que começou na década de 40. Foi gerado a partir de divergências entre ortodoxos e conservadores. O ponto de concordância entre eles é a crença comum na fé histórica da igreja cristã. O ponto de divergência está na ênfase e estratégia bíblica em relação ao mundo de nossos dias”. (Willson, T. *Apostilha de Teologia Contemporânea*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989)

Já alguns neo-evangélicos têm chamado os fundamentalistas de radicais, intolerantes, anti-mundanistas, anti-intelectuais e indispostos a aplicar sua fé a contextualização cultural. Enquanto isso alguns fundamentalistas fazem coro com a afirmação de Shaeffer:

Infelizmente, podemos dizer que, em geral, o evangelicalismo moderno tem se acomodado às formas do espírito mundano nas diversas maneiras em que este se expressa na atualidade. Afirmo isto com pesar e não desistirei de permanecer firme e orar. Manifestando tristeza, precisamos recordar que muitos daqueles com os quais temos alguma discordância a respeito dessa questão de acomodarse são nossos irmãos em Cristo. Mas, no sentido mais elementar, o evangelicalismo tem se tornado profundamente mundano (SHAEFFER, 1984: p 142).

Segundo o pensamento de Orivaldo P. Lopes Júnior, as querelas que são discutidas no meio do protestantismo atual em busca de uma identidade podem ser demarcadas por um alistamento de crenças aceitáveis e não-aceitáveis que poderão servir para alimentar um certo narcisismo.

Comenta Lopes Jr. “Quando tomamos a identidade como forma de narcisismo, logo nos apressamos a rejeitar as companhias que não nos alimentam o ego. Em vez disso, a identidade serve como ferramenta para o diálogo, coisa impossível de ocorrer no gueto e no ecletismo” (LOPES JR, 2004, p. 162).

Presumivelmente, a busca ou a reafirmação de uma identidade religiosa pode ser louvável como também abominável por um lado; a idéia de identidade entendida como pertencimento pode indicar fronteiras fechadas que muitas vezes a inclusão implica a exclusão. A questão da identidade também pode assumir uma postura de pertencimento que pode suscitar rivalidades, comparações, limites e fronteiras fechadas ao diálogo. Talvez quanto mais o indivíduo não defender com unhas e dentes seus pertencimentos, ele poderá contribuir para reparar injustiças e mais amplamente a desgraça humana. Também cada vez mais que são enfatizadas as nomenclaturas denominacionais mais distante pode se tornar a possibilidade de um diálogo que construa relações

harmoniosas. Por outro lado, a reafirmação de uma identidade pode ser benéfica quando entendemos que a possibilidade de um diálogo só será possível devido a sua existência.

2.3 – O Fundamentalismo e o Engajamento Político

Nas últimas duas décadas do século XX, os fundamentalistas entraram numa nova fase. Parece que a distinção entre fundamentalistas e neo-evangélicos tinha sido obscurecida; então, a já instalada e consolidada crise religiosa da América promovida pelo humanismo secular representava para os fundamentalistas a responsável pela erosão sofrida por igrejas, escolas, universidades, governo e família.

Comenta Armstrong: “Os fundamentalistas tinham verdadeiro pavor do humanismo secular e de tudo que ele representa. Viam-no como uma conspiração das forças do mal contra Deus, contra a moral, contra o auto-controle e contra a América” (ARMSTRONG, 2001: p. 305).

Os fundamentalistas lutaram contra os considerados inimigos da fé e dos valores morais fundamentados no cristianismo. Entre eles destacam-se as lutas contra a moralidade frouxa, perversão sexual, socialismo, comunismo e qualquer diminuidor do absoluto e autoridade da inerrância bíblica.

A promoção desse novo momento foi liderada pela geração de fundamentalistas da mídia escrita e televisiva, que se expressava através dos nomes como Jerry Falwell, Tim La Haye, Hal Lindsey e Pat Robertson. Essa fase pode ser conhecida devido o movimento *King James Bible Only* e o engajamento político de grande parte dos fundamentalistas, quando em 1980 dirigiram a campanha eleitoral de Ronald Reagan à presidência dos Estados Unidos. Fato esse que contraria o princípio da separação Igreja e Estado, defendido, por exemplo, pelos Batistas Regulares.

Essa fase do fundamentalismo é considerada para alguns dos Batistas Regulares como um neo-fundamentalismo, o qual surge como uma expressão do fundamentalismo, mas não é aprovado por ele, caracteriza-se por seu engajamento político em defesa do capitalismo, pureza

americana, disseminação forçada da democracia, intervenção militar em outros países, purismo e catequese lingüística. Na prática, no final da Guerra Fria, esses neo-fundamentalistas engajados se tornaram aliados políticos do governo americano através da mídia e influência nas igrejas, apoiaram diretamente a eleição e governo de Ronald Reagan na década de 1980, que por ironia era economicamente liberal, e atuaram na forma de passeatas, bandeiradas, *slogans* e cartazes na luta da pureza social americana, receberam cargos políticos e sob a idéia de purismo lingüístico e difusão da língua inglesa defenderam uma única versão da Bíblia aceitável como a *King James Bible*. A idéia era de uma religião fundamentalista universal e não particular.

Parece que os fundamentalistas, que de um certo modo haviam se afastado da sociedade depois do caso Scopes, voltaram a assumir uma postura em defesa da moralidade e de alguns princípios do Cristianismo.

Os fundamentalistas dos primeiros anos da década de 1980 eram, de muitas maneiras, pessoas muito diferentes de seus antecessores e enfrentavam muitas questões desiguais. Mas continuavam a apresentar traços importantes que os fundamentalistas tiveram em comum, desde a década de 1920 até os primeiros anos de 1980. Tinham certeza de possuir o conhecimento verdadeiro dos fundamentos da fé e de que, portanto, representavam o Cristianismo verdadeiro baseado na autoridade de uma Bíblia literalmente interpretada. Acreditavam que seu dever era continuar a grande batalha histórica, a batalha entre Deus e Satanás, entre a luz e as trevas, e a lutar contra todos os inimigos que subvertessem o Cristianismo e os Estados Unidos. Enfrentando essa luta tectônica, tendiam a considerar que os demais cristãos não fundamentalistas eram infiéis a Cristo ou não eram genuinamente cristãos. Conclamavam a volta à Bíblia inerrante e infalível, à declaração tradicional das doutrinas e a uma moralidade de que, segundo acreditavam, prevalecia antigamente nos Estados Unidos. Para fazer tudo isto, criaram um número de organizações e ministérios separados para propagar a fé e a prática fundamentalista (McINTIRE, 1990: p. 190).

No limiar desse novo século, a América do Norte revela que ainda os princípios do fundamentalismo cristão estão bem disseminados em sua sociedade. Assim, é plausível afirmar que o fundamentalismo cristão não morreu, apenas, em alguns aspectos, recebeu uma nova roupagem.

Os números abaixo mostram que o pensamento fundamentalista ainda permanece vivo na sociedade norte-americana.

Nos Estados Unidos:

“44% acreditam que só através de Jesus pode haver salvação;

30% dizem ter “renascido”;

28% acham que se deve interpretar a Bíblia literalmente e

27% negam que a Bíblia continha erros científicos e históricos” (ARMSTRONG, 2001: p. 392).

2.4 – A Crise do Fundamentalismo

O “ambiente belicoso” já observado entre os fundamentalistas e os neo-evangélicos serviu para compreendermos algumas diferenças desses movimentos. No entanto, de uma certa forma os dois são fundamentalistas, pois têm idéias fixas e deterministas. Observamos que nenhum deles aceitaria uma mistura entre Deus e os orixás ou a negação da doutrina da expiação e também outras premissas estabelecidas em suas doutrinas. Isso mostra que todo grupo religioso tem em si mesmo seus critérios hermenêuticos e autolegitimadores de sua posição. As palavras de Gondim ratificam esse pensamento: “A singularidade de Cristo e sua obra no calvário são limites para mim. Sempre que forem ultrapassados, gritarei, protestarei, mesmo que pareça um fundamentalista” (GONDIM, 1997: p. 53).

Os chamados fundamentalistas da atualidade parecem reivindicar ser o autêntico fundamentalismo, como comenta Addson Araújo da Igreja Batista Regular:

Hoje o problema está pior que antes do Pacto de Lausanne (1974) no Brasil, não dá para identificar quem é neo-evangélico, liberal ou neo-ortodoxo, está tudo misturado. E só se identifica um fundamentalista se ele estiver num grupo fundamentalista, caso contrário, é no mínimo um neo-evangélico (COSTA, 2005: p. 14).

Observamos que das 58 igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte, 11 igrejas recebem o nome de Igreja Batista Fundamentalista, nome que foi adotado pelo missionário norte-americano Benjamin Peterson. Possivelmente a escolha desse nome foi devido à influência do movimento fundamentalista no início do século XX.



Benjamin Peterson, fundador de 9 Igrejas Batistas Fundamentalistas

Atualmente o termo fundamentalista ganhou uma conotação pejorativa devido à associação com o Fundamentalismo Islâmico e alguns Fundamentalistas Americanos que causam assombro. Esse termo tem sido utilizado por várias pessoas e muitos evangélicos de modo

discriminatório. Esses nomeiam os fundamentalistas de um grupo de reacionários, xiitas, fanáticos e intolerantes. Os epítetos apontados aos fundamentalistas ganharam mais força após os acontecimentos do 11 de setembro de 2001, quando aviões foram lançados intencionalmente nos dois edifícios norte-americanos, em Nova York, e contra o coração militar norte-americano, o Pentágono, em Washington. A utilização do termo fundamentalista passou a ser um peso para os Batistas Regulares que se auto-intitulam de autênticos Fundamentalistas, sendo tarefa difícil para esse grupo permanecer se auto-intitulando de Fundamentalistas Cristãos. Parece que a utilização desse termo está associada com tudo aquilo que manifeste intolerância e terrorismo. O rabino Henry Sabel disse, um dia após a tragédia do 11 de setembro de 2001, que “toda forma de fundamentalismo deve ser banida da face da terra”.

Já Ricardo Gondim afirma: “Compreende-se hoje por fundamentalista uma pessoa intolerante, fanática, fechada ao diálogo” (GONDIM, 1997: p. 53).

As posturas rígidas, firmes e convictas de seus postulados doutrinários tidos como absolutos têm tornado a opção pelo Fundamentalismo Cristão uma postura impopular, tornando-se ofensivo à mentalidade desta época. Além disso, alguns fundamentalistas têm sido indivíduos de personalidade dominadora, inquisitorial, belicosa e, até mesmo grosseira. Para Dave Hunt, o Fundamentalismo tem sido rejeitado por, pelo menos, três razões:

“Os erros e exageros de alguns fundamentalistas; a compreensão errônea do que seja o Fundamentalismo Cristão e sua associação indevida ao Fundamentalismo Islâmico” (HUNT, 1999: p. 12).

Também comentou Dave Hunt em entrevista no dia 10/10/2003:

“Nos Estados Unidos, aqueles que se intitulam fundamentalistas, infelizmente são vistos como extremistas. Eu sou um fundamentalista, mas há pessoas na América do Norte que se intitulam fundamentalistas que acabaram atribuindo ao fundamentalismo uma má reputação”.

A visão dos que se intitulam herdeiros do Fundamentalismo Cristão, no caso, os Batistas Regulares, assevera que esse movimento surgiu na história em defesa de algumas asserções históricas do Cristianismo e da pureza comportamental da igreja visível. Neste caso, para os Batistas Regulares, o fundamentalismo mostra-se um movimento útil a Deus e à sociedade, posto que defende a pureza da proclamação e a prática do plano de Deus para salvação da humanidade.

Sobre seu valor para a sociedade, comenta o sociólogo Bauman: “O fundamentalismo tem uma singular capacidade de revelar os males da sociedade” (BAUMAN, 1998: p. 230).

Para o antropólogo britânico Ernest Gellner:

O fundamentalismo é útil para a sociedade no sentido de que esse movimento torna-se um aliado no reconhecimento do caráter absoluto da verdade, evitando a auto-ilusão fácil personificada pelo relativismo universal, nossos antepassados intelectuais. Sem ceder à tentação da veneração excessiva da ancestralidade, é importante referir que lhes devemos o nosso respeito (GELLNER, 1994: p. 13).

Também esse movimento se apresenta como uma autoridade que promete emancipar os convertidos das agonias garantindo-lhes certezas presentes e futuras. Assim, as pessoas do grupo tomam decisões sabendo para onde olhar sem correr riscos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman ratifica esse pensamento:

O fundamentalismo é um remédio radical contra esse veneno da sociedade de consumo conduzida pelo mercado e pós-moderna – a liberdade contaminada pelo risco (um remédio que cura a infecção amputando o órgão infeccionado – abolindo a liberdade como tal, na medida em que não há nenhuma liberdade livre de riscos). O fundamentalismo promete desenvolver todos os infinitos poderes do grupo que quando disposto – compensaria a incurável insuficiência de seus membros individuais, e justificaria, dessa maneira, a indiscutível subordinação das escolhas individuais a normas proclamadas em nome do grupo (BAUMAN, 1998: p. 228).

Segundo a visão dos Batistas Regulares, o movimento Fundamentalista Cristão conclama toda a Igreja Cristã a pensar a missão da igreja, salvação dos homens, à luz de sua própria história, palco onde ocorre desvirtuamentos, decomposições e revisionismos chamados irresponsáveis e maléficos. Para os fundamentalistas militantes, pesa a responsabilidade de guardar a

doutrina e prática prescrita na Bíblia em meio a um mundo caótico. Também para um fundamentalista cristão, a história é o palco no qual se deflagra os atos salvíficos de Deus em favor de uma humanidade caída e rebelde. A história é dilemática, pois Deus escreve a história da salvação dentro da história da perdição dos homens; isto é, o plano perfeito de Deus se delinea para dentro da estrutura da sociedade humana degradada pelo peso da queda espaço-temporal de Adão. Também tem por certo, portanto, que Deus age; mas também é certo que o maligno age, e que os homens estão mais propensos a aceitar as propostas do maligno que as de Deus.

Além disso, para os Batistas Regulares parece que o Espírito Pós-Moderno e o Fundamentalismo se enfrentam nesta arena: a história conflituosa dos homens. Enquanto o fundamentalismo dito bíblico reafirma que o problema do homem, o pecado, e a solução de Deus, o evangelho, não mudam; o Espírito Pós-Moderno de uma certa forma se apresenta proclamando que o homem tem de libertar-se da ordem para viver na anarquia, posto que uma nova época exige novos valores. Também indica estar claro para os fundamentalistas fazer a distinção do que é de Deus e o que é do mundo que jaz no maligno, segundo a compreensão do texto citado pelo apóstolo João na sua primeira epístola: “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno” (I João 5:19). Essa visão dos regulares ocorre devido o entendimento deste grupo de que o novo momento chamado Pós-Moderno é geralmente caracterizado como uma estratégia demoníaca para desacreditar suas crenças. Talvez esse pensamento seja consequência das preposições racionalistas.

Portanto, diante do quadro apresentado, compreendemos que as leituras da realidade religiosa sobre os grupos chamados fundamentalista como os Batistas Regulares, que pousam suas doutrinas sob as premissas do movimento fundamentalista fundante se derivam do senso comum que pode ser uma leitura equivocada, ou no mínimo, nebulosa da realidade. O cuidado com um tipo de conhecimento que serve para ocultar o verdadeiro conhecimento deve ser um compromisso com uma leitura de mundo que perpassa as experiências das coisas, de como ela às vezes de modo ingênuo se

apresenta para nós. Assim, procuramos compreender uma manifestação de um grupo religioso de modo que o olhar alterado e limitado seja esconjurado.

Ninguém pode olhar a realidade a partir de um *Unmaked Place* (lugar não-determinado), de um ponto de vista “neutro”, “objetivo”, capaz de captar os limites das posições dos outros sem incorrer, por sua vez, num olhar “deformador” da realidade, que corresponde à sua esfera de influência ou à sua concepção de verdade, isso significa que acusar de fundamentalismo um movimento ou uma religião é já uma “transgressão”, uma vez que se usa um critério de avaliação geral muito aleatório, dado que nasce e se situa inevitavelmente num contexto “perspectivo”, colocando-se com habilidade fora de contextos análogos e além de um horizonte limitado (TERRIN, 1998: p. 44).



3 – CRISTIANISMO E MODERNIDADE DOS BATISTAS REGULARES ¹⁶

3.1 – Cristianismo

Então, irmãos, estai firmes e retendes as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa (II Tessalonicenses 2:15).

O cristianismo defende a idéia de ter sido fundado por Jesus de Nazaré, um judeu da Galiléia, nascido quando Roma dominava a palestina. Possivelmente o cristianismo tem sua origem estabelecida quando Jesus aos 30 anos reuniu alguns discípulos e começou a ensinar um novo método, uma nova filosofia de vida que apontava para uma renovação de pensamento nas vidas dos indivíduos. Além disso, seu fundador se apresentava como o messias¹⁷, segundo apontava a teologia do Antigo Testamento.

O pai do cristianismo, no entendimento teológico neo-testamentário protestante tradicional, é considerado em linhas gerais como: Deus (João 1: 1-3 e 14); o Deus que tornou-se homem (Filipenses 2:5-8); um homem que viveu sem pecado (I Pedro 2:22); teve uma vida de poder (Atos 10:38); morreu por nossos pecados (Isaías 53: 5-6); ressuscitou (Romanos 8:34); foi exaltado (Filipenses 2: 9-11) e voltará (Mateus 24:30).

O discurso de Jesus Cristo era pautado por algumas temáticas como: a paz, liberdade, harmonia, respeito a um único Deus, amor entre os homens e a salvação da humanidade. Esse tipo de discurso levou as classes dominantes a acusarem e condenarem Jesus sob o peso de representar uma ameaça subversiva às ordens políticas e religiosas da época. Sob a égide do Imperador de Roma, Tibério e o procurador da Judéia, Pôncio Pilatos, Jesus Cristo foi crucificado. Segundo a tradição cristã, depois de cinquenta dias após a sua morte, durante a festa de pentecostes, os discípulos anunciavam que Ele ressuscitara e os enviava a pregar por todo mundo a boa nova de salvação e

¹⁶ Foto: Salvador Dali. Criança Geopolítica observando o Nascimento do homem novo – Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/especiais/salvador dali/dali07.htm>>

¹⁷ O Antigo Testamento empregava o termo *Masiach* (Ungido, aquele que é ungido) para designar o Salvador que havia de vir, Jesus (HARRIS, 1998: p. 886).

perdão dos pecados, conforme verificamos na Bíblia o discurso do apóstolo Pedro: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham os tempos de refrigério pela presença do Senhor” (Atos 3:19).

Durante o percurso histórico, o cristianismo apareceu no cenário mundial com diferentes manifestações religiosas. Segundo Hans Küng pode subdividir-se toda história do cristianismo em seis grandes “paradigmas”, que são os seguintes¹⁸:

- 1) O paradigma apocalíptico do Cristianismo Primitivo.
- 2) O Paradigma helenístico do Período da Patrística.
- 3) O Paradigma Católico Romano Medieval.
- 4) O Paradigma Protestante (da Reforma).
- 5) O Paradigma Moderno do Iluminismo.
- 6) O Paradigma Ecumênico Emergente.

As diferenças entre as seis subdivisões da história do cristianismo enumeradas por Küng têm a ver, em grande parte, com as diferenças no quadro geral de referência entre uma era e outra e somente em um grau menor com diferenças pessoais, confessionais e sociais *per se*. O mundo do cristianismo helenístico do século 2 e seguintes era qualitativamente diverso do “mundo do cristianismo primitivo, que ainda se encontrava bastante impregnado pelo etos do Antigo Testamento hebraico. E há disparidades comparáveis entre as outras épocas mencionadas acima... Cada uma dessas épocas, segundo Küng, reflete um “paradigma” teológico profundamente distinto de qualquer um de seus predecessores. Em cada era, os cristãos do período compreenderam e experimentaram sua fé de um modo apenas parcialmente comensurável com a compreensão e a experiência dos crentes de outras eras (BOSCH, 2002: p. 229).

O legado dos Batistas na história do cristianismo no que diz respeito à liberdade religiosa é inquestionável até que provem o contrário, porém, pode ser plausível dizer que apesar do mundo ocidental de maneira geral usufruir a liberdade religiosa, ainda os grupos cristãos estão distantes de uma prática convincente dos princípios fundantes do cristianismo. Parece que os grupos religiosos

¹⁸ Ver livro Missão Transformadora de David J. Bosch.

precisam compreender uma ética que deve estar presente de modo imperativo em qualquer comunidade que prime por valores universais. Esses que deverão ser utilizados para o bem da humanidade.

A universalização da ética para todo ser humano, seja qual for a sua identidade, só começará com as grandes religiões transculturais como o budismo, cristianismo, islamismo e, enfim, com o humanismo europeu; mas esse universalismo permanecerá limitado, com lacunas, frágil e será incessantemente acuado pelos fanatismos religiosos e pelos etnocentrismos nacionais (MORIN, 2005: p.24).

Atualmente os fundamentos da ética estão em crise no sentido de que a produção de solidariedade, amor, perdão e fraternidade no viver em coletividade tem sofrido um enfraquecimento através de um hiper desenvolvimento do princípio egocêntrico que degrada o viver em comunidade.

A crise ética da nossa época é, ao mesmo tempo, crise da religião indivíduo/sociedade/espécie. Importa refundar a ética; regenerar o circuito de religião indivíduo-espécie-sociedade na e pela regeneração de cada uma dessas instâncias. Essa regeneração pode partir do despertar interior da consciência moral (MORIN, 2005: p. 29).

A religião que Morin propõe deve se manifestar pela solidariedade, fraternidade, amizade e o amor que é a expressão superior da ética. “O amor é a experiência fundamental de religião dos seres humanos” (MORIN, 2005: p. 37). Um dos principais escritores do Novo Testamento disse: “E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria” (I Coríntios 13:2).

Infelizmente, historicamente a religião do amor, o cristianismo, sofreu várias banalizações ao longo dos tempos, tornando-se em muitas ocasiões uma religião sangrenta e cruel. A insuficiência de um senso crítico pode determinar muitos desvios éticos provocando uma cegueira de difícil cura.

Atualmente é importante primar por uma ética que reformule as relações entre indivíduos de uma mesma comunidade, família, povo, etc. O câncer dos mal-entendidos, maledicências, animosidades, inimizades e incompreensões de si e do outro precisam ser vistos como um problema

ético fundamental de fracasso das relações humanas. É possível que mesmo ao apostar numa ética da concórdia não quer dizer que seja eliminado da sociedade a diversidade, mas “que comportaria mais religião, compreensão, consciência, solidariedade, responsabilidade...” (MORIN, 2005: p. 87).

A purificação ética passa também pela expulsão da moralina¹⁹ das relações sociais. Evitar o outro como indigno de refutação em nome de uma superioridade serve como obstáculo ao conhecimento e à compreensão do outro. “A ética para si pode ser definida, como resistência à nossa barbárie interior” (MORIN, 2005: p. 101). A necessidade de banir a ira, ódio, baixeza, calúnia e desprezo pelo outro pode contribuir para diminuir o egocentrismo que cada um de nós carrega e externaliza quando transformamos o diferente em cão, porco ou, pior ainda, em dejetos e excremento. “A ética altruísta é uma ética da religião que exige manter a abertura ao outro, salvaguardar o sentimento de identidade comum, consolidar e tonificar a compreensão do outro” (MORIN, 2005: p. 103).

A falta de compreensão do outro direciona a uma redução enclausurada que somente consegue ver um único aspecto do humano e não o considera na sua multidimensionalidade. Quando defendemos nossas idéias, devemos ter o cuidado de não a possuímos ao ponto de que nos tornemos incompreensivos com os que estão possuídos por outras idéias e os que não se deixam possuir por nossas idéias.

Para Morin, as miniaturas dos infernos vividos nas relações humanas precisam de dois mandamentos: “disciplinar o egocentrismo e desenvolver o altruísmo”. Assim, poderá ser possível que o cristianismo e outros setores da sociedade passem por uma regeneração ética como única possibilidade de sobrevivência e desenvolvimento da humanidade. “É impossível que o mal

¹⁹ A moralina julga e condena com base em critérios exteriores ou superficiais de moralidade, apropria-se de bem e transforma em oposição entre o bem e o mal aquilo que, na realidade, não passa de conflito de valores (MORIN, 2005: p. 98).

desapareça, dizia Sócrates em Teteto. Sim, mas é preciso tentar impedir o seu triunfo” (MORIN, 2005: p. 193).

A crise ética instalada na atualidade pode ser compreendida como uma crise da modernidade que reflete nas atitudes dos Batistas Regulares. O atual momento direciona esse agrupamento para uma reforma ética no âmbito de algumas práticas.

3.2 – Modernidade

A descoberta do “Novo Mundo”, o Renascimento e a Reforma foram os três grandes acontecimentos por volta de 1 500 que constituem a transição epocal da Idade Média à Idade Moderna. A partir do século XVII, a modernidade emergiu na Europa como um estilo, costume de vida ou organização social, configurando-se um novo momento vivido pela sociedade. Acreditava-se que o acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livremente e criativamente conduziria à emancipação humana. O domínio científico da natureza, pelo homem, anunciava o almejado atendimento das necessidades básicas das pessoas. Tratava-se de um momento que apontava para liberdade humana de seus males sob o domínio humano do mundo natural.

O advento da modernidade trouxe para o mundo ocidental uma significativa alteração em seu pensamento: o papel da religião foi reduzido e o da nova ciência aumentado. A ciência, como filha rebelde da religião, deixou a casa e buscou sua própria independência.

A idéia da auto-suficiência humana minou o domínio da religião institucionalizada não prometendo um caminho alternativo para a vida eterna, mas chamando a atenção humana para longe desse ponto; concentrando-se, em vez disso, em tarefas que os seres humanos podem executar e cujas conseqüências eles podem experimentar enquanto ainda são “seres que experimentam” e isso significa aqui, nesta vida (BAUMAN, 1998: p. 213).

A sociedade moderna, influenciada pelo racionalismo, expulsou de seu mundo a magia e o sagrado e, em seu lugar, adotou a relação causal objetivamente explicada num mundo mecanicista e

previsível. Além disso, o pensamento da sociedade moderna produziu uma separação do conhecimento quando a ciência moderna passou a compreender que as questões do mito e logos deveriam passar pelo crivo de uma cientificidade. Sendo que, para essa ciência, o mito era entendido como um pensamento infantil ou simplista.

Segundo o pensamento de Morin, devemos compreender o duplo pensamento, *mytos-logos* como dois modos de conhecimento e de ação que coexistem, entrelaçam-se e que estão em constantes interações e ao mesmo tempo são uno e duplo.

Os nossos antepassados caçadores-coletores que, ao longo de dezenas de milhares de anos, desenvolveram as técnicas da pedra, depois elaboraram as do osso e do metal, dispuseram e usaram, nas suas estratégias de conhecimento e de ação, de um pensamento empírico/lógico/racional, e produziram, acumulando e organizando um formidável saber botânico, zoológico, tecnológico, uma verdadeira ciência. Todavia estes mesmos arcaicos faziam acompanhar todos os seus atos técnicos de ritos, crenças, mitos, magias, e os antropólogos do começo do século puderam até pensar que, fechados num pensamento mítico-mágico, estes “primitivos” ignoravam toda racionalidade (MORIN, 1986:p. 144).

Etimologicamente *mytos e logos* significa palavra, discurso. Eles nascem juntos, mas não são a mesma coisa. A distinção entre *mytos e logos* ocorre no sentido de que o *logos* torna-se o discurso racional, lógico e objetivo, enquanto o *mytos* assume “o discurso da compreensão subjetiva, singular e concreta de um espírito que adere ao mundo e o sente a partir do interior” (MORIN, 1986: p. 149). Apesar do pensamento racionalista da ciência moderna ter provocado uma fragmentação do entendimento sobre o *mytos/logos*, podemos compreender que os dois modos de pensamento são duplos porque são autônomos no sentido de que cada um possui sua própria esfera de verdade. Por outro lado, apesar das distinções nas atividades empíricas/técnicas/racionais e simbólicas/mitológicas/mágicas, elas vivem naturalmente a unidualidade deste universo mesmo quando se tiverem tornado antagonistas.

Mortais e imortais vivem em dois mundos ligados num único e mesmo mundo. Assim, como julgamos, não há um espaço e um tempo propriamente míticos; há um desdobramento mítico do espaço e do tempo na manutenção da sua unidade,

e quem quer que exerça os dois pensamentos, o empírico/técnico/racional e o simbólico/mitológico/mágico, vive muito naturalmente de maneira uma e dúplice a consubstancialidade dos dois mundos diferentes (MORIN, 1986: p. 152).

Uma ciência aberta pode possibilitar a compreensão de que os dois modos de pensamentos abordados possam vencer o obstáculo da fragmentação do conhecimento e caminhar para uma alternativa que aponte um diálogo consciente dos dois pensamentos, sem reduzir um ou outro a qualquer tipo de inferioridade.

Tudo parece indicar que com esse novo quadro de uma modernidade já estabelecida, a religião ocidental, que era permeada pelo sagrado estava fadada a perder seu encantamento. As emoções e a intuição e tudo aquilo que não pudesse ser provado cientificamente eram considerados como fraquezas a serem vencidas, resquício de uma época infantil e primitiva. A razão e a técnica passaram a ser considerado o pilar da humanidade moderna.

O racionalismo científico, fonte de poder e de sucesso ocidentais, desacreditara o mito e proclamara-se o único meio de se chegar à verdade. A razão podia, porém, debater as questões essenciais; tal debate nunca foi da competência dos logoi. Conseqüentemente, a fé tradicional tornou-se impossível para um número crescente de ocidentais (ARMSTRONG, 2001: p. 162).

Segundo o pensamento de Max Weber o desencantamento da religião acontece quando ela se propõe a passar de um estado mágico e carismático para um racionalizado e burocrático. Weber, em suas análises sobre a religião, critica o protestantismo ascético porque entende que esse tipo de protestantismo produz uma rigidez doutrinária que repudia todos os elementos sensuais e emocionais, pois na análise de Weber sobre o calvinismo, as emoções e a subjetividade eram inúteis para salvação e fomentavam ilusões e superstições. A teologia calvinista não demonstra nenhuma tendência capitalista, e não pressupõe, por si só, uma ética econômica. Só que Weber não se fundamenta na teologia calvinista, mas no estilo de vida ascético do protestante com sua devoção metódica e racional ao trabalho.

Talvez os Batistas Regulares, em certo sentido, tenham adotado um tipo de asceticismo cristão que penetra exatamente numa prática meticulosa, amoldando-se a uma vida racional que pode tornar a espiritualidade fria e calculista, típico de um protestantismo ascético, diferente do cristianismo em sua manifestação primitiva. Weber critica a religião sem fraternidade e denuncia o desencantamento como uma espécie de doença do mundo moderno.

O contexto do mundo moderno inicialmente foi permeado pela razão que surgiu como uma poderosa arma com a finalidade de destruir a fé. Entretanto, não conseguiu dar respostas a todas as experiências do humano, por exemplo: a interrogação humana sobre a origem da morte. A tentativa da modernidade de instituir uma ordem somente humana na terra, tentando substituir Deus pelo homem, colocando-o no centro do universo parece que com o passar do tempo naufragou. A promessa de “salvação” pelo avanço científico e tecnológico já não conseguia transformar a terra num “lugar seguro”. A luta pelo poder, a ganância desmedida dos grandes, as duas grandes guerras, o desequilíbrio ecológico e a exploração descontrolada dos recursos naturais apontava claramente para o fracasso do sonho da modernidade. Por outro lado, a modernidade de um certo modo trouxe um sentimento de segurança e oportunidade que não era muito evidente na pré-modernidade.

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidade bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno (GIDDENS, 1991: p. 16).

A postura dos Batistas Regulares no contexto da sociedade moderna pode ser entendida como uma comunidade de fiéis que, semelhantemente ao discurso da modernidade, anelam por um lugar aconchegante, confortável e seguro. Toda comunidade carrega um certo *imprinting* defendendo a idéia de que fora de sua convivência não há segurança. “E ainda: numa comunidade podemos contar com a boa vontade dos outros. Se tropeçarmos e cairmos, os outros nos ajudarão a ficar de pé outra vez. Ninguém vai rir de nós, nem ridicularizar nossa falta de jeito e alegrar-se com nossa desgraça” (BAUMAN, 2003: p. 8).

Por outro lado, parece que o tipo de comunidade em que o cuidado de uns aos outros almejados de modo pleno não passa de apenas um sonho, uma busca pelo paraíso perdido que precisa ser alcançado. Se entendermos que os Batistas Regulares representam uma coletividade que pretende ser a comunidade do aconchego e dos sonhos, então, precisamos primeiramente compreender que toda vida em comunidade exige lealdade incondicional aos seus postulados sob pena de quem não se enquadrar nos acordos do grupo ser considerado como traidor.

A segurança prometida na vida em comunidade, de certa forma, limita a liberdade individual. Paradoxalmente para alguém alcançar uma desejada segurança é necessário abrir mão da liberdade individual, ganha-se uma coisa e perde-se outra. “Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade” (BAUMAN, 2003: p. 10). Talvez o grande desafio das comunidades existentes na atualidade seja em verificar até que ponto os seus valores tornam mais visível a contradição entre segurança e liberdade. Cada vez que essa contradição é mais alimentada na convivência humana dificilmente ocorrerá um concerto que possa diminuir equilibradamente essa contradição, pois não podemos ter segurança e liberdade simultaneamente na quantidade que quisermos.

A existência da sobrevivência das comunidades na atualidade ocorre porque a vida moderna não é capaz de oferecer a segurança desejada pelos indivíduos que cada vez mais vivem atolados na incerteza e insegurança, filhas da própria modernidade. Então, a necessidade de encontrar um lugar seguro parece está presente neste início de século. “O sentido de lugar se baseia na necessidade de pertencer não a uma “sociedade” em abstrato, mas a algum lugar em particular; satisfazendo essa necessidade, as pessoas desenvolvem o compromisso e a lealdade” (BAUMAN, 2003: p. 110).

3.3 – Batistas Regulares e a influência iluminista

O início do século XVI foi marcado por um novo ideal de humanidade, o ocidente passava por um processo de tecnização que introduziu um modo diferente na vivência da sociedade. Essa mudança de curso da história mundial, e especificamente no ocidente, afetou diretamente o papel da religião. O processo de modernização trouxe um movimento chamado iluminismo, que se caracterizava de modo geral como o libertador das “irracionalidades” da religião, superstição e do uso arbitrário do poder. Sob este ideário, esse movimento constituiu uma ruptura com a tradição e floresceu com doutrinas de igualdade, liberdade, crença na inteligência humana e na razão universal. “As ciências ocidentais não aceitavam nada como certo assim, e os pioneiros estavam cada vez mais dispostos a arriscar um erro ou derrubar autoridades e instituições estabelecidas como a Bíblia, a igreja e a tradição cristã” (ARMSTRONG, 1994: p. 298).

O iluminismo se contrapõe às trevas medievais como uma espécie de sol que ilumina o mundo ocidental pela racionalidade que tem a função de libertar os homens das cadeias autoritárias de um passado aprisionado pelos aparelhos ideológicos dominantes da época. Parece que esse ideário de salvação dos problemas do homem expressados pelo espírito do iluminismo, em certo sentido, expressa um protestantismo que também defende a liberdade, democracia, modernidade e progresso. Evidentemente, estamos falando de um protestantismo que se caracteriza pelo fato de privilegiar a concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressões da verdade, e que devem ser afirmadas sem nenhuma sombra de dúvida, como condição de “salvação” e participação na comunidade eclesial.

A nova estrutura promovida pelo iluminismo na sociedade afetou a fé cristã de modo que seus dogmas descritos na Bíblia precisavam provar sua reivindicação à verdade e à validade. Então, o cristianismo se agarrou com uma nova disciplina teológica: “apologética cristã”. Os papéis parece terem se invertidos, a fé que tinha prioridade sobre a razão passou a ser suplantada pela razão.

No paradigma iluminista, todos os problemas eram, em princípio, solucionáveis. É óbvio que muitos ainda não estavam equacionados, mas isso se devia simplesmente ao fato de ainda não termos dominado todos os dados relevantes. Tudo era possível explicar ou, no mínimo, tornar explicável (BOSCH, 2002: p. 325).

O iluminismo exerceu uma profunda influência sobre o protestantismo, especialmente depois do século XVII, considerado por muitos como o século do racionalismo. A ilusão que permeava o pensamento iluminista de criar um mundo de pessoas iguais e felizes foi incorporada pelo modo de fazer missões dos protestantes que adotaram o preceito iluminista de que todas as pessoas eram indivíduos emancipados e autônomos.

Os Batistas Regulares potiguares que vieram do ramo do protestantismo americano adotaram a opção pela doutrina do pré-milenarismo, uma doutrina influenciada pelo pensamento iluminista, pois operava sob a bandeira de uma escatologia segura, fechada e determinista. Essa visão apontava para um futuro de bem-aventurança, uma utopia típica moderna.

O movimento pré-milenarista tem suas raízes complexas e entretecidas nas tradições do reavivamentismo, evangelicalismo, pietismo, americanismo e diferentes ortodoxos do século XIX. Ele deu origem a uma série de subespécies: adventismo, o movimento de santidade, pentecostalismo, fundamentalismo e evangelicalismo conservador. Todos estes, sem exceção, tornaram-se extremamente ativos em projetos missionários de âmbito mundial. Embora possam, às vezes, diferir significativamente entre si, compartilham uma gama de características comuns (BOSCH, 2002: p. 381).

A visão dicotômica dos Pré-Milenistas apontava para uma conversão ao cristianismo como condição única de passagem das trevas absolutas para a luz absoluta. “A motivação missionária passou gradualmente da ênfase na profundidade do amor de Deus para a concentração na iminência e no horror do juízo divino” (BOSCH, 2004: p. 383). Além disso, a motivação missionária aconteceu por diversos motivos, como: o amor a Cristo; a compaixão pelas pessoas consideradas eternamente perdidas; o sentimento de dever; a consciência de superioridade cultural e a competição com os esforços missionários católicos.

Se os missionários de antanho não tivessem sido gigantes espirituais, não teriam ficado impunes pelo que fizeram, mas eram homens santos, de imensa coragem e personalidade. Sua bondade era translúcida, e sua intolerância, embora de todo desconcertante para não cristão, foi, não obstante, perdoada. (BOSCH, 2002: p. 414).

Além da visão Pré-Milenista dos Batistas Regulares que é uma subsunção ao iluminismo não anti-religioso que surgiu nos Estados Unidos, outras crenças expressam a espiritualidade desse grupo, como o “culto racional”, no sentido de que em sua liturgia não há espaço para invocações que modifique significativamente o modelo adotado. A certeza doutrinária, que aponta para uma vida eterna de total felicidade e conseqüentemente a salvação dos males desse mundo. O separatismo, que segundo o entendimento dos Batistas Regulares é parte integrante de suas principais doutrinas. O Batista Regular Addson Araújo faz o seguinte comentário sobre o tema da separação:

Adotamos a separação do mundo, da ideologia e influência do mundo, inclui também o Governo (Romanos 12:1-2), a separação particular, que é guardar-se santo, isento da corrupção do mundo e a sujeição da carne para que o Espírito trabalhe (Tiago 1:27). Ao contrário do que muitos imaginam separação não é uma opção mas um mandamento (Informação obtida em entrevista realizada no dia 10/09/2004).

Encontramos no ideário iluminista do indivíduo emancipado e certo da vitória dos males do mundo semelhanças no paradigma missionário do grupo estudado. Agora resta o questionamento de como tem sido realizado o empreendimento missionário do novo quadro do cristianismo protestante. Será que ainda permanece sob a sombra do iluminismo?



4 – TENSÕES DOS BATISTAS REGULARES²⁰

4.1 – Batistas Regulares e o Núcleo Duro

Nenhuma ética no mundo pode nos dizer (...) em que momento e em que medida um fim moralmente bom justifica os meios e as conseqüências moralmente perigosas (Max Weber)

Os axiomas defendidos pelos Batistas Regulares poderão ser compreendidos como um sistema de idéias fechadas, no sentido de que se protege contra qualquer pensamento diferente de seus postulados. Por outro lado, por ser uma religião, é um sistema aberto porque se alimenta de confirmações e verificações do mundo exterior.

Existem dois sistemas de idéias que são diferenciados: as teorias e as doutrinas. O primeiro assume que há prioridade de abertura em relação ao encerramento. O segundo, as doutrinas, podem ser entendidas como o sistema de idéias em que o encerramento é prioritário.

A teoria é aberta no sentido de que existe uma dependência do mundo empírico no qual ela se relaciona. Esse tipo aberto pode ser chamado de auto-eco-organização que proporciona à teoria uma certa resistência ao dogmatismo e à racionalização. A teoria pode ser entendida como aquela que tem a capacidade de adaptação e modificação na articulação entre seus subsistemas chegando a ponto de até abandonar um subsistema ou substituí-lo. Entretanto, não está disposta a mudar seus parâmetros. “Uma teoria aberta é uma teoria que aceita a idéia da própria morte” (MORIN, 1991: p. 118).

A doutrina assume uma postura de incontestação. Ela é irrefutável quando se alimenta apenas do mundo exterior para confirmar seus postulados, pois recusa tudo o que se rebela contra a sua lógica racionalizadora. A doutrina se fecha como modo de proteção aos seus dogmas, sua verdade. Ela não aceita qualquer argumento que balance sua estrutura ortodoxa. “A doutrina mantém-se em estado de mobilização permanente e inflama de maneira contínua o entusiasmo dos

²⁰ Foto: Igreja Batista Bereiana Tirol, em Natal. Igreja desfilada do movimento Batista Regular em 1994.

seus fiéis violentamente ofensivo, ela ataca sem trégua as teorias e as outras doutrinas que ela anatematiza” (MORIN, 1991: p. 119).

Apesar da doutrina se considerar estabelecida de uma vez por todas através da realimentação de seus princípios, ela não pode ser considerada como uma coisa petrificada, pelo contrário, são mais ardentes do que as teorias no sentido de que a dedicação dos fiéis e o culto constituem elementos ativadores da doutrina.

Qualquer sistema de idéias tem uma tendência ao autoconservadorismo, incluindo as teorias científicas. A teoria e a doutrina comportam em sua estrutura uma espécie de núcleo duro.

O núcleo duro é constituído por postulados indemonstráveis e por princípios ocultos (paradigmas), estes são indispensáveis à constituição de qualquer sistema de idéias, incluindo o científico. O núcleo determina os princípios e regras de organização das idéias, comporta os critérios que legitimam a verdade do sistema e selecionam os dados fundamentais nos quais se apóia; determina portanto, a rejeição ou ignorância do que contradiz a sua verdade e escapa aos seus critérios; elimina aquilo que, em função de seus axiomas e princípios lhe parece destituídos de sentido ou de realidade (MORIN, 1991: p. 116).

Os Batistas Regulares por se identificarem como um grupo conservador, autodoxo²¹, indicam em suas doutrinas uma sistematização de dogmas fechados, constituindo em suas práticas um núcleo duro que resiste a tudo que possa ameaçar, alterar de modo inovador a sua homeostasia. Essa está delineada em seus acrósticos que foram aprovados pela XXV Asssembléia das Igrejas Batistas Regulares do Brasil, em 23 a 27 de abril de 2003, Caraquatuba, São Paulo. Posteriormente publicados pela Editora Batista Regular com o título: “*Os Distintivos Batistas Regulares*”²². Doutrinas que estão pautadas em 10 tomos: Bibliologia; Teologia; Cristologia; Pneumatologia; Antropologia e Harmatologia; Soteriologia; Angelologia e Demonologia; Eclesiologia; Prática Eclesiástica e Escatologia. Esse é o núcleo de verdades incontestáveis dos Batistas Regulares.

²¹ É o que comporta-se em função dos seus princípios e das suas regras e tende a tornar-se ortodoxo (MORIN, 1991: p. 117).

²² Sobre as doutrinas dos Batistas Regulares, ver livro: “*Os Distintivos Batistas Regulares*” (Editora Batista Regular, São Paulo, 2003).

“Existe em toda religião um núcleo de verdades incontestáveis; existe um momento de inserção no real e no social através de um conjunto de crenças que dá a uma determinada religião uma face e uma fisionomia próprias” (TERRIN, 2004: p. 392).

A necessidade de cada religião se afirmar acontece devido suas narrativas estarem pautadas numa espécie de carta de fundação, ou seja, em seus livros sagrados que se tornam intérpretes autênticos de um conjunto de doutrinas que contém as verdades em que é necessário acreditar. O credo de uma religião assume uma espécie de profissão de fé e uma coletânea de verdades da fé.

Talvez a necessidade de um credo nas igrejas cristãs esteja ligada também ao *ius*, ao direito romano de que ainda se sente a influência e por um modo específico de conceber a religião não como fato de consciência, mas como fato comunitário que comprometia do ponto de vista jurídico (TERRIN, 2004: p. 393).

Segundo o pensamento de Terrin, o crer é um ato do coração, é uma expressão interior. Porém, com o passar do tempo esse termo passou a denotar algo como “uma verdade”. O credo como profissão de fé é um compromisso diante de uma comunidade, é um modo de testemunhar e reforçar a verdade de uma religião. Esse assume um comprometimento diante das verdades contidas no escopo doutrinário. É um tipo de crença que comporta uma verdade incontestável. Já o credo como coletânea de verdades da fé se apresenta com o significado de “estar firme”, declarando uma coisa como sólida.

Terrin aponta para uma reflexão extremamente relevante quando faz uma comparação entre as religiões em que o credo é dado com mais ênfase e as que o credo não aparece com tanta evidência. “Onde a religião tem menos caráter jurídico e social e assume principalmente o valor de uma experiência profunda do homem, a fé não tem necessidade de se traduzir em fórmulas que correm o risco de parecer verdades superficiais, objetivas, coisificadas” (TERRIN, 2004: p. 401).

Possivelmente qualquer grupo religioso que a ênfase no credo seja mais explicitada, pode ocorrer um mascaramento do insondável mistério da própria fé religiosa. Talvez os Batistas Regulares se encaixem nesse tipo de expressão de fé porque como uma religião fundamentalista cristã aspira a voltar a doutrinas claras e crenças fortes. O credo é transformado num “fazer”, em princípios éticos e na severidade dos princípios morais em que se inspira.

As formações fundamentalistas, por sua vez, que ainda conservam o “credo” e a exigência do “crer”, vêm-se forçadas a transferir os seus dogmas mais para vertente “pragmática”, onde, se a verdade é intrinsecamente fraca, está porém em condições de passar a vez à ação e à moral” (TERRIN, 2004: p.404).

Atualmente no mundo ocidental que tende a julgar contraditória toda verdade porque respira o espírito pós-moderno das incertezas, o credo das religiões passa a correr o risco de apenas fazer parte de uma história do passado mais do que presente. Assim, como as religiões não podem não enfatizar as suas verdades, sob pena de perderem a sua identidade e de não terem um fundamento para a sua existência histórica.

Atentemos também para o fato de que a cultura contemporânea não adere às fórmulas dos credos, mas aponta para a valorização das experiências do sobrenatural vividas pelo próprio sujeito. Os crentes de hoje são empurrados pela cultura para ter um pedaço de paraíso agora e não apenas viver olhando de longe o eventual vislumbre de luz que nasce no horizonte. Talvez isso seja um dos motivos pelo qual as igrejas pentecostais e neopentecostais têm crescido mais do que as igrejas Batistas.

4.2 – Batistas Regulares e a Baixa Complexidade

Os Batistas Modernos constituem um dos maiores grupos protestantes do mundo. Esse grupo religioso conta hoje com aproximadamente cinquenta milhões de membros²³, não incluídos os

²³ Fonte: www.bwanet.org – Acesso em 29/10/2005 às 14 h.

não batizados e as crianças. Em nosso país, segundo as estatísticas de 2001²⁴, os batistas estão representados por um milhão e oitocentos mil membros distribuídos em dez mil templos. Essa representação numérica dos batistas no Brasil está espalhada nos principais grupos: a Convenção Batista Brasileira; os Batistas Regulares; os Batistas Bíblicos; os Batistas Independentes e a Convenção Batista Nacional.

O Rio Grande do Norte conta com pelo menos catorze mil batistas. Sendo que a representatividade maior entre os Papa-Jerimuns está com os Batistas da Convenção, que contam com sete mil membros distribuídos em seus setenta templos²⁵ e os Batistas Regulares, com seus mais de três mil membros distribuídos em seus 58 templos.

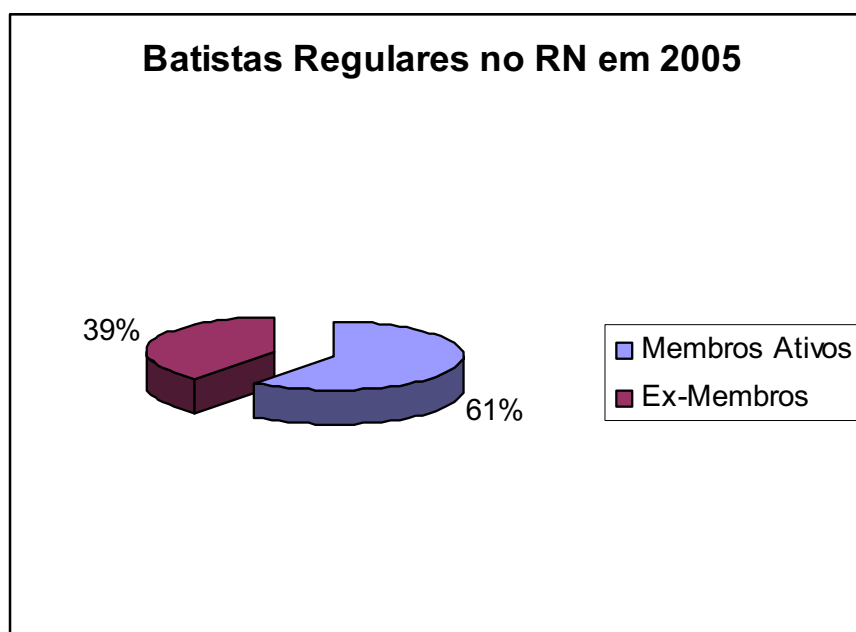
Os Batistas Regulares do Rio Grande do Norte durante sua trajetória histórica em solo potiguar, têm sofrido algumas divisões. Essas que, de uma certa forma, têm sido característica marcante do protestantismo ao longo dos séculos, possivelmente devido ao grande legado desse grupo para humanidade que é a liberdade religiosa. No final da década de 40, os Regulares perderam três igrejas: Igreja Batista Regular, em Parnamirim; Igreja Batista Regular, em Martins e a Igreja Batista Regular, em Mossoró. Em 1994, saíram mais três igrejas: Igreja Batista Betel, em Mossoró; Igreja Batista Bereiana, em Natal e a Igreja Batista Regular, em Lagoa Seca, Natal. Em 2002, saíram as igrejas: Batista Missionária, em Ponta Negra, Natal; Batista Fundamentalista e a Batista Regular da Fé, ambas em Mossoró. Totalizando nove igrejas que saíram da comunhão da Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte. Atualmente quatro dessas igrejas estão na Convenção Batista Norte-Rio-Grandense; três assumiram uma postura de batista “independente” e duas assumiram posturas diferentes das doutrinas dos batistas de modo geral.

²⁴ Fonte: Revista Veja – Em 3 de julho de 2002, p. 95.

²⁵ Fonte: Livro Mensageiro da Convenção Batista Norte-Rio-Grandense, 2005, pp. 78-79.

Batistas Regulares no RN

Membros Ativos	3244
Ex-Membros	2115
Total	5359

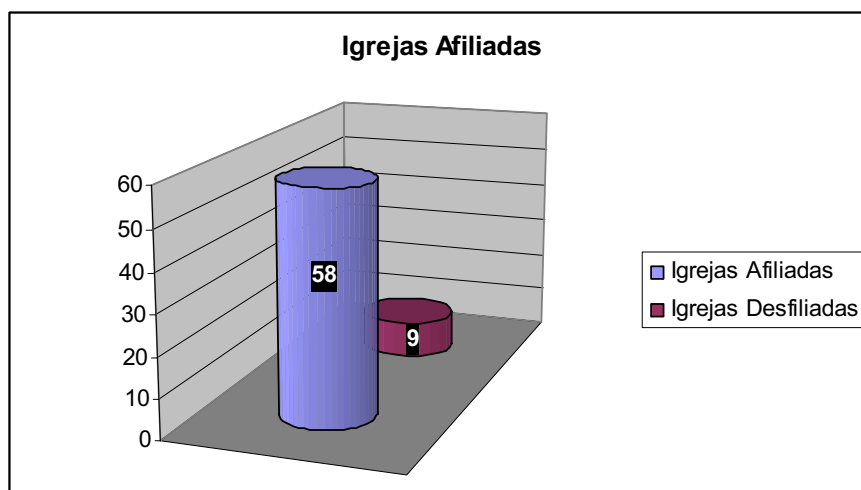


Comenta o secretário da Associação das Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte, Sebastião Tenório:

Pode ser observado que, em alguns casos, obreiros não fundamentalistas, porém travestidos, infiltrados em nosso meio, conseguem enganar. Não contentes, aplicam o golpe de misericórdia retirando suas igrejas da comunhão. Em geral, nunca colocaram um tijolo, por isso, não podem ter amor pela obra (Informação obtida em entrevista realizada no dia 10/06/2005)

Batistas Regulares no RN

Igrejas Afiliadas	58
Igrejas Desfiliadas	9
Total	67



Observamos que as saídas de algumas igrejas do movimento²⁶ Batista Regular, algumas das quais eram as mais numerosas em termos de participantes, especificamente as que saíram nas últimas duas décadas. Também verificamos que essas igrejas desafiadas continuam em suas praticas assumindo algum tipo de fundamentalismo e algumas até ainda continuam afirmando que são Batistas Regulares.

A Associação de Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte, em reunião extraordinária realizada na Igreja Batista Regular de Satélite, em Natal, no dia 1º de outubro de 1994 resolve que as igrejas Batista Bereiana do Tirol, Natal; Batista Regular do Natal, em Lagoa Seca, Natal e a Igreja Batista Regular Betel, em Mossoró, não fazem mais parte de movimento Batista Regular por divergência doutrinária (Ata da Associação das Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte, em 01/10/1994, p. 30).

²⁶ Sociologicamente um movimento é uma reação coletiva de indivíduos coalizados em torno de uma ideologia a fim de agirem em busca de objetivos previamente estabelecidos. É uma mobilização direcionada (BOUDON, R. E BOURRICAUD, F. *Dicionário crítico de sociologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1993).

A saída das igrejas aconteceu devido às novas configurações no quadro do protestantismo brasileiro e as conseqüências da baixa complexidade vivenciadas nas relações entre essas igrejas. Podemos tomar o conceito de baixa complexidade²⁷ de Edgar Morin para compreendermos que esses divisionismos também aconteceram devido à organização rígida e centralizada nas doutrinas e porque esse grupo não dispõe de uma rica competência para manter sob controle os desviantes das doutrinas que constituem seu núcleo duro. A baixa complexidade pode ser compreendida como aquela que não permite a expressão dos seus antagonismos, nem tolera incertezas ou desordens e nunca está pronta a correr riscos. Assim podemos perceber que a fraca comunicação entre as igrejas e indivíduos é um dos elementos da baixa complexidade que, possivelmente, pode servir como uma das possíveis compreensões das saídas de igrejas do movimento Batista Regular.

O apóstolo Paulo, escrevendo aos efésios, disse:

“Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Efésios 4:15-16).

Parece que a proposta de ligação apontada pelo texto acima deixou de acontecer entre os Regulares no momento em que aconteceram as divisões em seu corpo, metaforicamente falando, entre as Igrejas Batistas Regulares. O apóstolo Paulo usa o exemplo do corpo humano para comparar com a Igreja. Lembremos que as juntas do corpo humano fazem a ligação entre os ossos, e os ligamentos são tecidos muito fortes que prendem os ossos uns aos outros e também os órgãos do corpo. Na prática, quando essas juntas e ligamentos não estão assumindo o papel de ligação forte a tendência é a separação das partes ou a doença delas. Possivelmente essa linguagem de juntas e ligamentos foi usada na intenção de que os membros da Igreja de Cristo estejam bem unidos uns aos outros.

²⁷ Tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados que apresentam a relação paradoxal entre o uno e o múltiplo (DANTAS, 2004: p. 26).

4.3 – Batistas Regulares e o Rito

“Os ritos acontecem. O que é rito? É aquilo que faz com que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora, das outras horas” (Saint-Exupéry).

O rito pode ser melhor compreendido quando recorremos a um entendimento do termo: “*sacramentum*”, do mundo latino; e “*samskara*”, do mundo hindu. O primeiro (*sacramentum*), nasceu no mundo militar dos sanitas, servindo para indicar uma consagração a Deus por parte dos milites. Era uma espécie de juramento que faziam os soldados sob pena de perder sua vida caso deixasse de cumprir suas obrigações. Idéia empregada por Tertuliano, ao defender que a fé cristã deveria ser defendida como os iniciados defendiam os mistérios de Mitra. Posteriormente esse termo se ligou à vulgata e recebeu uma conotação mais branda, assumindo um teor religioso cristão. O segundo (*samskara*), é uma expressão do mundo hindu que mais se aproxima com a idéia de “sacramento” do mundo latino. A expressão indica literalmente “o que é posto junto”, “o que leva a perfeição” (que dá a perfeição). A idéia que sustenta essa concepção dos sacramentos é a de que somente quem é iniciado através dos ritos e dos sacrifícios leva uma vida digna, perfeita, santa; é purificado, transformado; torna-se um *dvija* (“nascido uma segunda vez”) (TERRIN, 2004: p. 287).

Segundo Aldo Natale Terrin, o “rito-sacramento” é a forma mais completa de performance, uma performance global a que acompanha o que Turner chama de “fluxo, identificação, participação” (TERRIN, 2004: p. 290). O rito é vivido, experimentado e participado, são momentos acolhidos de modo especial que servem para criar um efeito forte e duradouro sobre a pessoa que crê. “É preciso especialmente aceitar que quem reza e realiza ritos é o verdadeiro crente, é aquele que sempre tem razão (*The believer is always right*) com relação à sua fé e ao seu comportamento religioso” (TERRIN, 2004: p. 316).

A possibilidade dos Batistas Regulares não terem o rito como elemento de grande enfoque em suas práticas pode ser devido a um interesse maior em cuidar de proteger suas doutrinas.

Podemos afirmar que, nas crenças dos Batistas Regulares, o rito ganha pouco espaço, contudo, de modo geral, as poucas expressões das performances rituais desse agrupamento criam um efeito forte e duradouro sobre a pessoa que crê. Apesar do rito ser baseado na crença, não são as regras que constituem a sua verdade profunda, mas o seu procedimento, o seu desenvolvimento através da execução consecutiva e ordenada é que cria uma totalidade de significado. Poder-se-ia dizer que é a série ordenada de sintagmas e a regularidade do desenvolvimento que possibilitam transcender a consciência individual dos participantes e criar a unidade de significado, tanto para os participantes quanto para os observadores.

Atualmente pode ser relevante fazer o seguinte questionamento: até que ponto as performances e os ritos, que são por si mesmos um momento de recolha de todas as forças em vista da estruturação dos próprios campos simbólicos para afirmar o espaço organizado, poderão sobreviver? Parece existir no momento atual uma subversão das performances rituais no sentido de que essa banalização pode ser atribuída à desorganização dos sinais, de certo modo à “paratoxia” que domina incontestavelmente o âmbito do nosso representar e do nosso representar-nos hoje. Assim, o rito na atualidade nada mais é que “a arena de perspectivas contraditórias e contestáveis, onde os participantes têm as próprias razões, os seus pontos de vistas e os próprios motivos” (TERRIN, 2004: p. 388).

5 – CONCLUSÃO

A linguagem mítica não pode traduzir-se em linguagem racional sem perder sua razão de ser. Ao tentar transformar-se em ciência, a teologia só conseguiu produzir uma caricatura de discurso racional, porque essas verdades não se prestam à demonstração científica (Karen Armstrong).

A forte ênfase conservadora dos Regulares ocorre devido ao conservadorismo teológico que surgiu no início do século XX. Os Batistas Regulares do Rio Grande do Norte estão alicerçados e realimentados sob os princípios doutrinários do Fundamentalismo Cristão que surgiu no início do século XX.

O desafio que na atualidade parece se impor para os que se intitulam fundamentalistas é o de uma reforma no Fundamentalismo. Talvez, primeiramente com uma reforma no sentido de um retorno aos fundamentos. De modo que a verdade desse agrupamento possa ser defendida com fineza, bom senso e misericórdia, sem confundir as idiossincrasias com um tipo de fundamentalismo que se pretende praticar. Possivelmente, para isso acontecer seria necessária a adoção de uma postura dinâmica, comunitária e integralizadora. Além disso, é preciso uma abertura para o diálogo e uma revisão profunda de suas convicções cerradas, excludentes e ainda dependentes do iluminismo, visando negociar até o limite da razoabilidade de modo que o reconhecimento do outro e seu direito de existir possam contribuir para, no mínimo, uma convivência civilizada em meio à diversidade.

Além disso, talvez o máximo que podemos refletir e compreender sobre o fundamentalismo cristão é de que hoje represente uma forma de expressão do discurso religioso adaptado do cristianismo ao iluminismo, tornando-se uma forte expressão da modernidade. Em outras palavras, resgatar a alta complexidade da religiosidade fundamental.

O fundamentalismo é expressão da própria Modernidade. A própria modernidade criou fundamentalismos, como a crença no fim da religião, no progresso da história... O fundamentalismo não é mero tradicionalismo ou

antimodernismo. Seja permitido um trocadilho: ele é um antimodernismo moderno (DREHER,2002: p. 87).

Conseqüentemente, o fundamentalismo cristão coloca a segurança e a certeza em primeiro lugar e condena tudo o que solapa essa certeza, presumivelmente considerada uma certeza cartesiana. Também podemos observar uma atitude ambígua que os fundamentalistas detêm em relação à modernidade, “pois se de um lado rejeitam alguns dos seus valores, como liberalismo, o pluralismo, o progressismo e o secularismo, do outro apresenta traços modernistas como o individualismo e o acesso às conquistas tecnológicas” (ALVES, 2005: p. 199). Possivelmente os Batistas Regulares que têm suas premissas pousadas no fundamentalismo cristão expressem em certo sentido um discurso religioso da modernidade através da opção de utilizar uma linha de interpretação das Escrituras histórico-literário-gramatical que diretamente entra em sintonia com o pensamento científico do século XIX. “No final do século XIX, ciência e racionalismo estavam na ordem do dia, a religião tinha de ser racional para ser levada a sério” (ARMSTRONG, 2001, p. 166).

O fundamentalismo protestante de modo amplo acaba sendo oportunista, no sentido de que a humanidade caminha de modo desorientado, cambaleando, sem um projeto que tente apontar para resolução do caos planetário estabelecido. Apropriando-se de um mundo que aparentemente está à deriva, o fundamentalismo cristão transmite aos seus fiéis a sensação de estar seguro, abrigado e certo do futuro. Por um lado apresenta-se como uma opção de salvação e por outro aparenta uma certa recusa ao enfrentar os dilemas de nosso tempo.

A situação pluralista ligada à secularização²⁸ mergulha, de uma certa forma, o fundamentalismo cristão numa crise de credibilidade e faz com que fique mais difícil manter ou construir uma nova estrutura de plausibilidade para esse movimento. Entretanto, isso não quer dizer que o fundamentalismo cristão está fadado ao fracasso ou desaparecimento.

²⁸ Por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos (BERGER, 1985: p. 119).

Segundo o pensamento de Peter Berger, a situação pluralista oferece as instituições religiosas duas opções ideais típicas: acomodar-se à situação, ou seja, modificar o produto de acordo com o consumidor ou recusar-se a se acomodar ao entrincheirar-se atrás de quaisquer estruturas sociorreligiosas que possam manter ou construir e continuar a professar as velhas objetividades tanto quanto possível, como se nada tivesse acontecido. A segunda opção parece a que mais tem sido acolhida pelos Batistas Regulares do Rio Grande do Norte.

O espírito da Pós-Modernidade sugere uma nova dinâmica no modelo tradicional da espiritualidade nas Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte na atualidade. Entendemos por espírito Pós-Modernista, um movimento intelectual que pretende abarcar todas as esferas da cultura e da sociedade, com pretensões de fundar uma nova visão de mundo, criando um novo paradigma epistemológico e cultural no âmbito das idéias em uma estrutura epocal no âmbito sócio-histórico. Apesar do termo Pós-Moderno já ter sido cunhado pelo historiador Arnold Toynbee em 1947, popularizado pelo teórico francês Jean François Lyotard em 1979, e defendido por alguns pensadores, especialmente os da Escola Francesa em Ciências Sociais, existe no meio universitário uma vasta discussão acerca da viabilidade de usar o termo Pós-Modernidade para designar a época atual. Visto que para alguns teóricos a utilização do termo Pós-Modernidade é inviável para designar nossa época, já que, segundo eles, a era moderna ainda não foi superada. “A sociedade que entra no século XXI não é menos moderna que a que entrou no século XX, o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente” (BAUMAN, 2001: p. 36). Lembremos que o surgimento da modernidade deu-se sob a bandeira da esperança, assim, hoje não podemos dizer que não existe ainda um certo tipo de esperança moderna. Então, a princípio, vamos considerar o Pós-Modernismo como uma crítica aos valores e projetos da modernidade, sendo ele próprio um dos frutos dessas conseqüências.

Portanto, demonstramos a hipótese de que esse novo momento histórico aliado à crise de plausibilidade dos agrupamentos religiosos, provocado pelo espírito Pós-Modernista, direciona os Batistas Regulares a adaptar-se às novas configurações na sua práxis da espiritualidade. Também entendemos que esse grupo por representar uma expressão da modernidade adota uma fixidez prática doutrinária que diferencia do eixo da estratégia de vida pós-moderna que tem como pressuposto não fazer com que as práticas religiosas se fixem. Entendemos por espiritualidade os valores e crenças de uma doutrina que mostra como deve ser o comportamento na vida diária. “Espiritualidade é na maior parte das vezes freqüentemente descrita experimentalmente em termos de fé em um Deus ou poder superior” (MOBERG, 2001: p 1).

6 - REFERÊNCIAS

- ALVES, Patrícia Formiga Maciel. **Da Cruz ao Trono: Neopentecostalismo e Pós-modernidade no Brasil.** (Tese de doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2005.
- ALVES, Rubem A. **Protestantismo e Repressão.** São Paulo: Ática, 1982.
- ARMSTRONG, Karen. **Em Nome de Deus:** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Uma História de Deus.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ASBROOK, J. E. **Axiomas da Separação.** São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1992.
- BAUER, Martins W. E GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** São Paulo: Ed. Vozes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- _____. **Comunidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- _____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.
- BERGER, Peter Ludwig. **O Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BLANRUE, Paul Eric. As muitas vidas da KU KLUX KLAN. In: **Revista História Viva**, ano II, nº 21, páginas 54-60, julho de 2005.
- BORNHEIM, Gerd A. **Cultura Brasileira: tradição/contradição.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOSCH, David J. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.** São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

- BOUDON, R. E BOURRICAUD, F. **Dicionário crítico de sociologia**. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
- BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: Editora Vida Nova, 1984.
- COOK, Randy. **Northeast Brazil Field Council**. Natal: Gráfica Bereiana, 1980.
- COSTA, Addson A. Os Perigos para o Fundamentalismo Bíblico. In: **Revista Fundamentos da Fé**. Ano IV, nº 21, p. 16, setembro de 2005.
- COUCH, Mal. **The Fundamentals for The Twenty-First Century**. Grand Rapids - USA: Kregel Publications, 2000.
- DYSON, Freeman. **Mundos Imaginados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DANTAS, Aldo E GALENO, Alex. **Geografia: Ciência do Complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.
- DREHER, Martin N. **Para entender fundamentalismo**. São Leopoldo - RS: Editora UNISINOS, 2002.
- DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ELWELL, Walter A. **Evangelical Dictionary of Biblical Theology**. Grand Rapids: Baker, 1996.
- GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GELLNER, Ernest. **Pós-Modernismo, Razão e Religião**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994, p. 13.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo. Ed UEP, 1991.

GOULD, Stephen Jay. **Pilares do Tempo**. Rio de Janeiro: Rocco. 2002.

GONZALEZ, Justo L. **A Era dos Reformadores**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993.

_____. **A Era dos Dogmas e das Dúvidas**. São Paulo: Sociedade Edições Vida Nova, 1993.

_____. **A Era dos Novos Horizontes**. São Paulo: Sociedade Edições Vida Nova, 1993.

_____. **A Era Inconclusa**. São Paulo: Sociedade Edições Vida Nova, 1993.

GONDIM, Ricardo. **Os Evangélicos e o Fundamentalismo**. In: *Ultimato*. Ano 30, nº 242, maio/1997, p. 53.

GRENZ, Stanley J. **Pós-Modernismo: um guia para entender a filosofia de nosso tempo**. São Paulo Edições Vida Nova. 1997.

GUERRA, Lemuel Dourado. **Mercado Religioso no Brasil. Competição, Demanda e a Dinâmica da Esfera da Religião**. João Pessoa: Idéia, 2003.

HUNT, Dave. **Sou Fundamentalista?** In: *Chamada da Meia-Noite*. Ano 30, julho/1999, p. 12.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa – Portugal: Publicações Dom Quixote, 1998.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo**

Testamento. Tradução Márcio Lourenço Redondo, Luiz Alberto T. e

Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HEISENBERG, Werner. **A Parte e o Todo – encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Igreja Presbiteriana Bíblica. **Fundamentalismo**. In: A Defesa. 100/jun/1979, p. 5.

LATOURE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo P. **O Espelho de Procrusto** (tese de doutorado em Ciências Sociais).
São Paulo: PUC, 2003.

_____. **Sou Evangélico. Quem sou eu?** In: Missão Integral: Proclamar o Reino de Deus e viver o Evangelho de Cristo. Belo Horizonte: Visão Mundial e Ultimato, 2004.

_____. **Quem são os “evangélicos”?** In: O melhor da espiritualidade brasileira. Organização: Nelson Bolmicar. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

LIMA, Jaime A. **Que Povo é Esse? História dos Batistas Regulares do Brasil**. São Paulo: Ed. Batista Regular, 1997.

MARSDEN, George M. **Fundamentalism and American Culture**. New York: Oxford University Press, 1980.

McINTIRE, C. T. **Enciclopédia História-Teológica da Igreja Cristã**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.

McLACHLAN, D. R. **Reclaiming Authentic Fundamentalism**. Independente-Missouri: American Association of Christian Schools, 1993.

MENDONÇA, Antônio G. E VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MOBERG, David O. **Christian Spirituality and Transpersonal Sociology**. In: *Study of Religion*, Vol. 12, pp. 131-163. Leiden: Brill Academic Press, 2001.

MORIN, Edgar. **O Método III: O Conhecimento do Conhecimento 1**. Portugal: Europa-América, 1986.

. **O Método IV: as idéias.** Portugal: Pub. Europa América , 1991.

_____. **O Método V: a humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. **O Método VI: a ética.** Porto Alegre: Sulinas, 2005.

O NOVO TESTAMENTO – NVI (NOVA VERSÃO INTERNACIONAL). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 1993.

PEREIRA, J. Reis. **Breve História dos Batistas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

RYRIE, Charles Caldwell. **A Bíblia Anotada.** Tradução de Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SCHAEFFER, F. **The Great Evangelical Disaster.** Westchester: Crossway, 1984.

SHURDEN, Walter B. **Quatro Frágeis Liberdades.** Tradução Raimundo César Barreto Jr e Benedito G. Bezerra. Recife: AGM Gráfica, 2005.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e Horizontes do Sagrado.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Sagrado Off Limits. A experiência religiosa e suas expressões.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

TERRIN, Aldo Natale. **O Rito. Antropologia e fenomenologia da ritualidade.** São Paulo: Paulus, 2004.

TORREY, R. A. **Os Fundamentos.** São Paulo: Hagnos, 2005.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Pioneira, 1987.

WILSON, T. **Apostilha de Teologia Contemporânea.** São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1989.

7 – APÊNDICES

Igrejas Batistas Regulares do Rio Grande do Norte

1ª Igreja Batista Central em São José do Mipibu

Fundador: Carl Mattews, em 1939.

Rua Prefeito Inácio Henrique, S/N

Total de Membros: 100

CEP 59 162-000



Templo antigo



Templo novo



2ª Igreja Batista Regular em João Câmara

Fundador: Carl Mattews, em 1946.
 Total de Membros: 30
 Rua João Pessoa, 244
 CEP: 59 550-000



3ª Igreja Evangélica Batista em Parnamirim

Fundador: Carl Mattews, em 1946.
 Total de Membros: 80
 Av Brigadeiro Everaldo Breve
 CEP 59 140-200



4ª Igreja Batista Regular em Macau

Fundador: Carl Mattews, em 1953.
 Total de Membros: 80
 Rua Padre João Clemente, S/N
 CEP 59 500-000



5ª Igreja Batista Regular em Caicó

Fundador: Daniel Holdem, em 1954.
 Total de Membros: 75
 Rua Joel Damasceno, 940
 CEP 59 300-000



6ª Igreja Batista Regular em Areia Branca

Fundador: Walmir Mitchell, em 1956.
 Total de Membros: 70
 Rua Mestre Silvério Barreto, 417
 CEP 59 655-000



7ª Igreja Batista Regular em Assu

Fundador: Walmir Mitchell, em 1956.
 Total de Membros: 110
 Rua Bernardo Vieira, S/N
 CEP 59 650-000



8ª Igreja Batista Bereiana em Ceará-Mirim

Fundador: George Wisner, em 1958.

Total de Membros: 90

Rua Irmã Maria José, 33 – Cohab
CEP 59 570-000



9ª Igreja Batista Regular em Carnaubais

Fundador: Fred Mc Clanaham, em 1960.

Total de Membros: 25

Rua Manoel B Lacerda
Montenegro, 66
CEP 59 665-000



10ª Igreja Batista Regular em Ipangaçu

Fundador: Raymond Lews, em 1960.

Total de Membros: 35

Av Norte, S/N
CEP 59 508-000



11ª Igreja Batista Regular em Poço Branco

Fundador: Benjamin Peterson, em 1963.

Total de Membros: 10

Rua Nóbrega Machado, S/N
CEP 59 560-000



12ª Igreja Batista Regular em Cidade da Esperança - Natal

Fundador: Ricardo Mateus, em 1970.

Total de Membros: 120

Rua Condado, S/N
CEP 59 071-290



13ª Igreja Batista Regular em Igapó - Natal

Fundador: Dorothy Le Veness, em 1970.

Total de Membros: 65

Rua Isabel de Brito Lima, 723
CEP 59 104-220



**14ª Igreja Batista
Fundamentalista em Currais
Novos**

Fundador: Benjamin Peterson,
em 1972.

Total de Membros: 100

Rua Sílvio Bezerra, 789

CEP 59 380-000



**15ª Igreja Evangélica Batista em
Campo Redondo**

Fundador: Benjamin Peterson, em
1972.

Total de Membros: 80

Rua Senador João Câmara, 101

CEP 59 230-000



**16ª Igreja Batista Regular Lagoa
Nova - Martins**

Fundador: Peter Brooks, em 1973.

Total de Membros: 30

Povoado Lagoa Nova – Martins

CEP 59 801-000



17ª Igreja Batista Regular em Mossoró

Fundador: Robert Franklin, em 1975.

Total de Membros: 80

Rua Manoel Cirilo, 795 – Bairro

Aeroporto CEP 59 605-020



18ª Igreja Batista Regular Filadélfia em Umarizal

Fundador: Peter Brooks, em 1975.

Total de Membros: 65

Av Rio Umari, S/N

CEP 59 865-000



19ª Igreja Batista Regular Maranata em Mossoró

Fundador: Fred Mc Clanaham, em 1978.

Total de Membros: 100

Rua Marieta Miranda, S/N –

Abolição II

CEP 59 619-640



20ª Igreja Batista Regular em Neópolis - Natal

Fundador: Richard Glenis, em 1980.
Total de Membros: 60
Rua dos Ipês, 225
CEP 59 080-200



21ª Igreja Batista Regular em Santa Catarina- Natal

Fundador: Ricardo Mateus, em 1980.
Total de Membros: 195
Rua Guadalupe, 2020
CEP 59 112-560



22ª Igreja Evangélica Batista em Parnamirim (congregação)

Fundador: Nilton Ferreira, em 1980
Total de membros: 15
Rua São Joaquim, 128 – Rosa dos Ventos
CEP 59 150-000



23ª Igreja Batista Regular Casa de Oração – Povoado de Malhada Vermelha

Fundador: João Marinho, em 1981.
 Total de Membros: 15
 Povoado de Malhada Vermelha – Campo Redondo
 CEP 59 230-000



24ª Igreja Batista Regular Maranata - Martins

Fundador: Pedro Brooks, em 1982.
 Total de Membros: 40
 Rua Juselim, S/N
 CEP 59 800-000



25ª Igreja Batista Regular em Satélite - Natal

Fundador: Willian Paul Branda, em 1983.
 Total de Membros: 80
 Rua das Perdizes, S/N – Cidade Satélite
 CEP 59 067-480



26ª Igreja Batista Fundamentalista em Santa Cruz

Fundador: Benjamin Peterson, em 1983.

Total de Membros: 140

Rua Marechal Castelo Branco, 320 –
Bairro 3 a 1

CEP 59 200-000



27ª Igreja Batista Regular em Candelária - Natal

Fundador: Sezion Batista, em 1984.

Total de Membros: 40

Rua Valdir Targino, 3585

CEP 59 065-670



28ª Igreja Batista Fundamentalista em São Bento do Trairi

Fundador: Benjamim Peterson, em 1985.

Total de Membros: 35

Rua Teodorico Bezerra, S/N

CEP 59 210-000



29ª Igreja Batista Fundamentalista em Nova Cruz

Fundador: Benjamim Perterson, em 1988.

Total de Membros: 100

Rua Coronel José de Brito, 625

CEP 59 215-000



30ª Igreja Batista Fundamentalista em Santo Antônio

Fundador: Benjamim Peterson, em 1989.

Total de Membros: 95

Rua Marechal Floriano, 646

CEP 59 255-000



31ª Igreja Batista Fundamentalista em Tangará

Fundador: Benjamin Peterson, em 1989.

Total de Membros: 45

Rua João Ataíde de Melo, 545

CEP 59 240-000



32ª Igreja Batista Regular Central - Mossoró

Fundador: Robert Franklin, em 1990.

Total de Membros: 75

Av Mota Neto, 349 – Nova Betânia

CEP 59 625-300



33ª Igreja Batista Fundamentalista em Monte Alegre

Fundador: Benjamin Peterson, em 1991.

Total de Membros: 55

Rua Alfredo Xavier, S/N

CEP 59 182-000



34ª Igreja Batista Regular Bomfim – Nísia Floresta

Fundador: Benjamin Peterson, em 1991.

Total de Membros: 10

Povoado de Nísia Floresta – Próximo ao Acampamento Elim



35ª Igreja Batista Regular Planície das Mangueiras - Natal

Fundador: Jonas Ribeiro, em 1992.

Total de Membros: 25

Av Maranguape, 2650

CEP 59 111-000



36ª Igreja Batista Regular Parque dos Coqueiros - Natal

Fundador: José Bispo, em 1992.

Total de Membros: 60

Rua Vale do Jaguaribe, 92

CEP 59 115-227



37ª Igreja Batista Regular em Pajuçara - Natal

Fundador: Ricardo Mateus, em 1992.

Total de Membros: 65

Rua Moema Tinoco Cunha Lima, 3681

CEP 59 133-090



38ª Igreja Batista Regular em Nova Parnamirim - Natal

Fundador: Willian Paul Branda, em 1992.

Total de Membros: 85

Rua Madre de Calcutá, S/N

CEP 59 150-000



39ª Igreja Batista Regular Emanuel – Frutuoso Gomes

Fundador: Peter Brooks, em 1993.

Total de Membros: 90

Rua Padre Carlos, 10

CEP 59 800-000



40ª Igreja Batista Regular em Capim Macio - Natal

Fundador: Willian Paul Branda, em 1994.

Total de Membros: 85

Rua Neuza Farache, 1985

CEP 59 082-100



41ª Igreja Batista Regular em Angicos

Fundador: Francisco Verde, em 1995.

Total de Membros: 55

Rua São José, 232

59 515-000



42ª Igreja Batista Regular Brasil Novo - Natal

Fundador: Ricardo Mateus, em 1999.

Total de Membros: 15

Rua Canto das Florestas, 279

CEP 59 122-000



43ª Igreja Batista Shekinah - Natal

Fundador: Valmir Paes, em 1999.

Total de Membros: 85

Av Santos Dumont, 478 – Mirassol

CEP 59 078-200



44ª Igreja Batista Regular em Parnamirim

Fundador: Aureliano Colaço, em 1999

Total de Membros: 80

Rua Felisbela Vanderlei da Silva, 64

Loteamento II – Rosa dos Ventos -

Parnamirim

CEP: 59 150-000



45ª Igreja Batista Fundamentalista em Coronel Ezequiel

Fundador: José Soares, em 2000.

Total de Membros: 15

Rua Escola Estadual José Amorim, S/N

CEP 59 220-000



46ª Igreja Batista Regular em Lajes Pintadas

Fundador: Trevor, em 2000.

Total de Membros: 30

Rua Francisco Marques, 244

CEP 59 235-000



47ª Igreja Batista Regular em Caiçara dos Rios dos Ventos

Fundador: Sebastião Tenório, em 2000.
 Total de Membros: 07
 Rua João Vitorino, 58 – Centro
 CEP 59 540-000



48ª Igreja Batista Fundamentalista Paraíso – Santa Cruz

Fundador: Billy Jones, em 2000.
 Total de Membros: 25
 Rua Paulo Afonso, S/N
 CEP 59 200-000



49ª Igreja Batista Regular Manancial - Natal

Fundador: Sebastião Tenório, em 2001.
 Total de Membros: 60
 Rua Maravilha, 06 – Neópolis I. Conj. Jiqui
 CEP 59 086-090



50ª Igreja Batista Regular em Santo Antônio do Pontengi

Fundador: Douglas, em 2002.

Total de Membros: 15

Rua Engenheiro Luciano Barros, 40

CEP 59 289-000



51ª Igreja Batista Regular Boas Novas em Nísia Floresta

Fundador: José Menino da H. Júnior, em 2002. Total de Membros: 10

Rua Bela Vista, S/N

CEP 59 162-000



52ª Igreja Batista Regular Jardim Aeroporto - Natal

Fundador: Emídio Viana, em 2003.

Total de Membros: 15

Rua Maria Amélia Machado, S/N



53ª Igreja Batista Regular São José do Mipibu

Fundador: Paulo, em 2003.

Total de Membros: 10

Rua Praia da Barreta, 111

CEP 59 162-000



54ª Igreja Batista Regular em Extremoz

Fundador: José Bispo, em 2004.

Total de Membros: 25

Av dos Expedicionários, 225. P dos Coqueiros

CEP 59 114-400



55ª Igreja Batista Regular em Itaú

Fundador: Willian Fernandes, em 2004.

Total de Membros: 15

Rua Getúlio Vargas, S/N

CEP 59 855-000



56ª Igreja Batista Regular Macaíba
 Fundador: Sebastião Tenório, em 2005.
 Total de Membros: 10
 Rua 27 de outubro, 26 – Morada da Fé
 CEP: 59 280-000



57ª Igreja Batista Fundamentalista - Povoado de Santo Antônio
 Fundador: José Soares, em 2005.
 Total de Membros: 07
 Povoado Santo Antônio – Coronel Ezequiel
 CEP: 59 220-000



58ª Igreja Batista Fundamentalista em Santa Luzia
 Fundador: Laércio, em 2005.
 Total de Membros: 10
 Bairro Santa Luzia – Nova Cruz
 CEP: 59 215-000